

# AUTORES & LIVROS

SUPLEMENTO LITERARIO DE "A MANHA"

17/11/1943 publicado semanalmente, sob a direção de Mário Leão (Da Academia Brasileira de Letras) Vol. 10 N.º 3

## Notícia sobre Alcindo Guanabara

Nasceu Alcindo Guanabara na vila-gusca de N. S. da Ajuda de Grapiú-Mirim, município de Mariana, na província do Rio de Janeiro. Foram seus pais o professor Manoel José da Silva Guanabara e a professora Juilia da Silva de Almeida Guanabara, formados ambos pela velha Escola Normal de Niterói. Alcindo nasceu no dia 19 de julho de 1865.

Sua infância transcorreu em Mariana, o Penedo, Monteverde, Patiama do Sul, Mangaratiba — locais todos em que, levados pela paixão, tinham que habitar seus pais.

Aos 14 anos, em Mangaratiba, entrou com a instrução primária terminada. Começa, então, a tentar ganhar a própria vida, já executando pequenos trabalhos manuais, já lecionando a crianças as primeiras letras. Ainda em Mangaratiba, adquiriu os primeiros conhecimentos de latim, que lhe foram ministros pelo vigário da localidade, cujas missas ele ajudava. Conseguiu que o Padre Anselmo Lacerda tivesse ouvido, certa vez, recitar a Epopeia, as telas que se impressionou que o mesmo feito para a vida — e, assim, encareceu-se, entrou a estudar-lhe a educação régia. Alcindo desconsolado, não teve sucesso e generosa despedida. (V. Alberto Faria Lobo, recente "Guisa-Barroso na Academia Brasileira".)

Antes o professor Guanabara tratava-se, com a sua fama, para Petrópolis. Alcindo quis entrar, como aluno interno, gratuito, para o colégio de José Ferreira da Paixão. Pôde não passar demais no colégio, e, contudo, de algum modo, a gratuidade das lições que recebia desempenhava as funções de bedel; em 1882, assumiu a regência de uma turma de matemáticas elementares. No ano seguinte, concluiu seus estudos secundários. Parece que foi em Petrópolis que primeiro lhe ocorreu a ideia de ingressar de jornalista; ali ele escrevia, ainda criança, em jornais, fazendo-se, na adolescência, frequente colaborador do "Avante".

Prestou exames no Pedro II, e em 1884 estava matriculado na Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Suas condições pecuniárias são muito difíceis, e para viver ele é forçado a aceitar empregos inferiores, como o de porteleiro do Jockey Club. Faz-se, depois, inspetor disciplinário no Asilo dos Menores Desvalidos, do dr. Daniel de Almeida.

Em 1886, está no segundo ano da Faculdade de Medicina, e funda seu primeiro jornal. E a "Fantaria", órgão acadêmico Alcindo assume o cargo de diretor e a folha publica seu primeiro número em 20 de março daquele ano. Entre os seus colaboradores, conta-se um que se chama Olavo Bilac. Em um dos artigos de Alcindo, que publicamos neste "Suplemento", os leitores encontrarão curiosas páginas de reminiscências desses pitorescos adolescentes tempos.

E nesse ocasião que se dá um fato que merece ser citado, na biografia do jornalista. Num artigo de "Fantaria", analisando o regulamento da Faculdade

de Medicina, Alcindo fazia censuras ao ministro do Império O dr. Daniel de Almeida fez-lhe sentir que, se continuasse com o nome do cabeçalho da irreverente folha, não poderia permanecer como inspetor do Asilo dos Menores Desvalidos. O rapaz imediatamente deixou o Asilo.

Nesse mesmo ano de 1886 tendo-se aproximado de José do Patrocínio com uma apresentação de Marinho de Andrade, é Alcindo admitido na "Gazeta da Tarde", com o ordenado de 60000 por mês. Ali encontra como redatores Raul Pompeia e Luiz Murat. Da-lhe Patrocínio, desde logo, um encargo dos mais incensos: o de fazer a malha de São Paulo, função que se cifrava apenas em uma hora de trabalho com a tesoura, por dia... Foi quando executava tão modestas funções que Alcindo teve occasião de dar a primeira grande demonstração de seu talento e de sua capacidade de trabalho... Com um protesto pela falta de pagamento, o povo da "Gazeta da Tarde" decidiu, na ausência de José do Patrocínio, e de Raul Pompeia, fazer greve. Ignorando o fato, subiu Alcindo os degraus da redação, quando encontrou Sérgio Junior, gerente da folha que substituía Patrocínio. Sérgio Junior lhe disse que era escândalo maior, porque a "Gazeta" não saía naquele dia. Quanto Alcindo saber da razão — E quando esta lhe foi dada — a de que não havia ninguém para escrever — ele respondeu:

— Pois não seja esta a dúvida. Eu faço tudo...

E com efeito. Meteu-se, sózinho, na redação — e a "Gazeta" rodou, naquela tarde, toda e toda feita por ele! Foi um sucesso entre os colegas. E estes se surpreenderam tanto quanto estupenda revolução ofereceram a Alcindo um banquete. Logo depois, Patrocínio lhe confiava a crônica política, que e se destinava "Aranha Minor". Nessa fase, foi um brilhante articulista em prol da campanha da Abolição.

No mesmo ano, seu nome aparece em vários jornais e revistas da cidade, tornando-se familiar aos leitores mais diferentes. Ele assinava trabalhos em "Semana" e na "Vida Moderna", e da era lindas páginas de prosa, ora poesias e sonetos.

Mas o partido conservador estava autorizado diante da opinião pública a reprimir que cada dia mais vinha tendo a campanha do Abolicionismo. E sua facção escravocrata de libra fundou um jornal: "A Novidades", cujo número 1 saiu a 25 de janeiro de 1887. Sua direção é entregue a Alcindo Guanabara. Estão com ele Motta Sampaio e Artur Azevedo. Isto deixa para sua companhia Olavo Bilac, Coelho Neto, etc.

Alcindo Guanabara tem apenas 23, mas já é, na opinião unânime, um dos maiores jornalistas brasileiros.

Ali ele publica as suas "Telas de Aranha" (a seção assinada de "Aranha Minor", que trouxe da "Gazeta da Tarde") e publica também a seção "Notícias Políticas", assinada "Nestor". Regressando ao Rio, Alcindo funda a "Tribuna", órgão de oposição a Prudente. Sobrevém o período de Campos Sales — 1899-1903 — e Alcindo se torna o grande jornalista da situação. Faz o quatriônimo, publicando o seu longo e minucioso livro — "A presidência Campos Sales". Funda a "Nação", onde desen-

ta-se que, discutindo um projeto apresentado ao Senado pelo Visconde do Cruzeiro e por Lafayette, escreveu com tanta elevação que Francisco Belo Arão, ministro da Fazenda, disse-lhe: "Foi para isso a redação das 'Novidades'?" E em seguida: "Me foi seu espanto quando verificou que o autor de comentários tão agudos e sérios era um rapaz ainda imberbe. Bulhão convidou-o a ser apresentado a Cottolengo, Paulino, etc., conservando por ele desde então uma afissão paternal. Alcindo teria armas com adversários dos mais temíveis — e, entre estes, conta-se o próprio Patrocínio!"

Mas multiplica-se, desde então, em trabalhos de outros generos; e é "Marcelo" em crônicas; é "Diabo Coxo" nas críticas humorísticas; é "Metástico" nos contos e fantasiadas.

Falta a Abolição, passa ele a trabalhar no "Diário do Comércio". Em 1889, está fazendo a campanha da "República" no "Correio do Povo".

Com o novo regime, é eleito para a Constituinte pelo Estado do Rio, tomando parte suficiente nos trabalhos da elaboração da lei básica. Quando ocorreu a dissolução do Congresso, com o golpe de Estrela de 1891, ele protestou contra o ato de Deodoro. Restabelecida a Legalidade, permaneceu na Câmara até o final da primeira legislatura (1891-1893). Nos anos de 91 e 93, fora colaborador do "Jornal do Comércio" — falso que este lhe foi dada — a de que não havia ninguém para escrever — e evocava depois com um sorriso comovido.

Em 1893, parte para a Europa,

com a esposa e dois filhinhos,

feito superintendente geral de imigração. Quando rompeu o movimento de 6 de setembro, Floriano o incumbiu da compra de torpedeiros para a nossa esquadra. E desse ano o seu opusculo — "La République Brésilienne" — de propaganda nacional.

No ano seguinte, tendo regressado da viagem à Europa, toma assento na Câmara dos Deputados, como representante do Distrito Federal para a segunda legislatura republicana — 1894-1896.

Escrive a "História da Revolta", que primeiramente aparece nas colunas do "Comércio de São Paulo" e é depois editada em livro.

Esta, a esse tempo, nº "A República", e romps com Prudente de Morais. Como consequência do atentado de 5 de novembro de 1897, é preso e mandado juntamente com Barbosa Lima, para a ilha de Fernando de Noronha. Dizem que para o seu degrado levou Alcindo consigo "A conquista do pão", de Kropotkin.

— O Supremo Tribunal, considerando que a ilha de Fernando de Noronha tem era lugar destinado a presos políticos concedeu o habeas-corpus" imparcialmente em favor de Alcindo Guanabara e Barbosa Lima.

Regressando ao Rio, Alcindo funda a "Tribuna", órgão de oposição a Prudente. Sobrevém o período de Campos Sales — 1899-1903 — e Alcindo se torna o grande jornalista da situação. Faz o quatriônimo, publicando o seu longo e minucioso livro — "A presidência Campos Sales". Funda a "Nação", onde desen-

(Continua na página 36)



PACHECO

ALCINDO GUANABARA

## SUMÁRIO

- |  |
|--|
| <p><b>PAGINA 33:</b><br/>— Notícia sobre Alcindo Guanabara.</p> <p><b>PAGINA 34:</b><br/>— A casa de Dickens, de Alcindo Guanabara.</p> <p><b>PAGINA 35:</b><br/>— A Comédia do Amor, Aranha Minor (Alcindo Guanabara).</p> <p><b>PAGINA 36:</b><br/>— Um momento de prazer, Alcindo Guanabara.</p> <p><b>PAGINA 37:</b><br/>— Rubores, de Aranha Minor (Alcindo Guanabara).</p> <p><b>PAGINA 38:</b><br/>— Trecho de um poema em prosa, de Alcindo Guanabara.</p> <p><b>PAGINA 39:</b><br/>— Primeiro encontro com Bilac, de Alcindo Guanabara.</p> <p><b>PAGINA 40:</b><br/>— A Felicidade de ter um cão, de Alcindo Guanabara.</p> <p><b>PAGINA 41:</b><br/>— A propósito de Shakespeare, de Aranha Minor (Alcindo Guanabara).</p> <p><b>PAGINA 42:</b><br/>— Um depoimento sobre Alcindo Guanabara, de Mário Hora.</p> <p><b>PAGINA 43:</b><br/>— Alcindo Guanabara na Academia.</p> <p><b>PAGINA 44:</b><br/>— Machado de Assis, num discurso de Alcindo Guanabara, na Câmara dos Deputados.</p> <p><b>PAGINA 45:</b><br/>— Paendônimos de Alcindo Guanabara.</p> <p><b>PAGINA 46:</b><br/>— Galeria de arte, Cláudio Portinari N. 6 — Os Gascachas.</p> <p><b>PAGINA 47:</b><br/>— Um poema de Paul Eluard, tradução de Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade.</p> <p><b>PAGINA 48:</b><br/>— O Violino da morte, de Lurdino de Brito.</p> <p><b>PAGINA 49:</b><br/>— Ignoradas influências na poesia brasileira, de José Monteiro.</p> <p><b>PAGINA 50:</b><br/>— Cecília Meireles (nota, com retrato de Arped Senna).</p> <p><b>PAGINA 51:</b><br/>— Bibliografia da poesia de Cecília Meireles.</p> <p><b>PAGINA 52:</b><br/>— Algumas fontes sobre Cecília Meireles.</p> <p><b>PAGINA 53:</b><br/>— Stéphane Mallarmé, de João Alphonsu.</p> <p><b>PAGINA 54:</b><br/>— Um autógrafo de Cecília Meireles, Canção.</p> <p><b>PAGINAS 49 e 47:</b><br/>— Antologia da Literatura Brasileira Contemporânea, Primeira Série — Antologia da Poesia, II - Cecília Meireles.</p> <p><b>PAGINA 55:</b><br/>— Motivo.</p> <p><b>PAGINA 56:</b><br/>— Murmurio.</p> <p><b>PAGINA 57:</b><br/>— Onda.</p> <p><b>PAGINA 58:</b><br/>— Pausa.</p> <p><b>PAGINA 59:</b><br/>— Perspectiva.</p> <p><b>PAGINA 60:</b><br/>— Quadras.</p> <p><b>PAGINA 61:</b><br/>— Resurreição.</p> <p><b>PAGINA 62:</b><br/>— Retrato.</p> <p><b>PAGINA 63:</b><br/>— Sereia.</p> <p><b>PAGINA 64:</b><br/>— Tentativa.</p> <p><b>PAGINA 65:</b><br/>— Timidez.</p> <p><b>PAGINA 66:</b><br/>— Valsa.</p> <p><b>PAGINA 67:</b><br/>— Guitarra.</p> <p><b>PAGINA 68:</b><br/>— Discurso.</p> <p><b>PAGINA 69:</b><br/>— Destino.</p> <p><b>PAGINA 70:</b><br/>— A última cantiga.</p> <p><b>PAGINA 71:</b><br/>— Aceitação.</p> <p><b>PAGINA 72:</b><br/>— Epígrama n. 3.</p> <p><b>PAGINA 73:</b><br/>— Epígrama n. 7.</p> <p><b>PAGINA 74:</b><br/>— Epígrama n. 13.</p> <p><b>PAGINA 75:</b><br/>— Epígrame da Navegadora.</p> <p><b>PAGINA 76:</b><br/>— Canção da Menina Antiga.</p> <p><b>PAGINA 77:</b><br/>— Álbum de Guignard, N. 16.</p> <p><b>PAGINA 78:</b><br/>— A altitude poética do Mistério, de Mário Leão.</p> <p><b>PAGINA 79:</b><br/>— Teoria de arte, de Tristão da Cunha.</p> |
|--|



# A FIGURA DE ALCINDO GUANABARA - Gustavo Barroso

## A Comédia do Amor -- Aranha Minor (Alcindo Guanabara)

O primeiro detentor de nossos limites patrocina a cudeira mais que lúrida, dada, ao fundar-se a Academia, no primeiro de nossos jornalistas, Alcindo Guanabara, cuja luminosa inteligência nos seduz, tanto quanto o fundo de tolerância de sua alma, maior grau frisa aparições de retrâmeno, nascido talvez no ambiente político em que viveu.

Cuvillier-Kleury aconselhava, em critica, preferir o homem ao escritor. Muitos julgarão, no caso de Alcindo, preferível o contrário, estudar o escritor, deixando de parte o homem. Prazerosamente o consegue e admira! Guardo de seu convívio ilustra uma temprança suave. E prefiro vê-lo por ambas as faces. Vindo de entre humildes, nunca a riqueza esqueceu. Palavras, gestos, atitudes, atos, todo ele ajoelha bem e melhor serviu quem dele processasse. Havia em sua alma uma luz de bondade natural destinada a apagar-lhe os grandes erros.

Alcindo Guanabara foi um homem de letas que o jornalismo prendeu em suas garras e tirou para as lutas cruentas de pôneis, costas nuvens nuas e larga am. Quem ler sua conferência sobre a Bar, quem meditar suas formosas palavras acerca desse maior agente da marcha do mundo ("omnia creaturem ingeniuntur et parturit"), concluirá que, no conferencista, se amostra claramente o estôlo dum grande literato. E' ainda o bom gosto literário que preside a seus inúmeros e brillantíssimos discursos dentro e fora do parlamento, ou artigos de imprensa.

Há a considerar, mais, na personalidade de Alcindo, uma fogue dura, saudade que tecem não estudas. A do talento multifórmis lhe reconheceram todos; a da suavidade da alma ésta e generosa, mais crente e esperançosa do que se afirma. Um entrevistou com sua doce simplicidade meu saudoso antecessor. Resta a de seu espírito construtor, na ordem dos fenômenos jurídicos, sociais, políticos, econômicos e financeiros que se palpam nos trabalhos avulsos desse natu:esa. Esse homem não praticava suas teorias, mas dava-as aos outros douradas pelo brilho de sua inteligência poderosa.

Apolônio de Tiana, o grande mago dos tempos idos, após longa e grave discussão com Doutores e Teólogos, na Biblioteca de Alexandria, chegou-se a uma janela de onde se avistava toda a tumultuaria brillante círculo dos il... Tinha na mão pedaços de papéis e pergaminhos; em que escreveu, a notas, no ardo das disputas cabalísticas e metafísicas. Alguns antagonistas o acompanhavam. O mágico ilustra extenuado a destra para o espaço coliseu, abriu-a e soltou os papéis que o encobriram. Eles espalharam-se no ar, revoluteando, e um a um foram-se transformando em alvas garças, que desapareceram no azul, em todas as direções. As circunstâncias captadas o iniciado disse:

São as minhas idéias que se vão mundo em fora. Elas não se poupar em qualquer parte e ai construir seus ninhos.

Reclina a obra jornalística, Jurídica, social e parlamentar de Alcindo Guanabara, estes últimos dias, fiquei a pensar que ele, apesar de ser um teórico, dos que mandam fazer o que dizem e não o que fazem, realizou no Brasil o lindo milagre de Apolônio de Tiana. Não se negam asas a suas idéias e elas irão voando mais hoje, mais amanhã, aqui, ou ali.

(Discursos acadêmicos, v. 5º.)



Alcindo Guanabara, num retrato da maturidade

### O AMANTE

Não, não foste tu que me seduziste...

Nem belo és Brilhas, mas com o brilho estúpido do diamante, que não tem consciência de seu valor. A beleza está na consciência. Saber que se vale muito é ser belo. Sempre a satisfação moral. Na moral, realmente; o físico não vale nada. Não, não me enamorarei de ti. E' pretenção pensando que servirás a tua alma: servirás tanto como os quadros que ela tem em sua sala, o sapato que ajusta o seu mimoso pé. Como ornamentação sim, como atrativo não. Um olhar não me prende, quer parte de uns olhos de mulher e me banhe de um banho elétrico de amor, quer parte de uns olhos de facinora e me envolva num protesto de vingança. E' a parte espetacular que eu desprezo. Dramas, desejo-as a nu; odeio o apari-

to. Se amo aquela a quem pertence, faço-o, não por ti, mas apesar de ti. Que tenhas esta forma e este brilho ou outros quaisquer, eu é totalmente indiferente. Eu a amaria sempre, porque o moral me agrada. O que me seduz é a alma, e eu conheço a alma sem o corpo. Concerre-se a flor sem o vaso. E quando a flor é bela e digna de ser apreciada, toda a gente o faz, quer o vaso que a contém seja de barro, quer seja de porcelana da China. Não, meu orgulhoso amigo, tu foste o vaso que nem sequer atendi.

### OS OLHOS

Mentes. Não se resiste ao meu brilho, que, aliás, é consciente. A prova de que o é, está nisto: — que te comprehendo e te respondo. Podia calar-me e fazer como fazem os olhos vulgares, pretos ou castanhos, verdes ou azuis, que ornam o rosto de todas as mulheres: lançar-te um olhar. Em um olhar não val uma simples resposta: vai todo um sistema, uma teoria completa. Mas prefiro explicar-me, porque quero que todos ouçam, todos: o nariz, a boca, os cabelos, o ventre, a coxa, o pé. São meus colaboradores na obra de tua apreciação e a elas cabe parte da glória.

Dizia, pois, que mentes. A tua teoria é falsa e ridícula. Isto de flor e de vaso é milho velho; já o diziam poetas de 1830; não vale a pena combatê-lo. E' a tua nota: li-te; guarda-a.

Não prostrarei tigo com o teu medo de pensar sobre o físico. Para ti, o físico é o contrário dispensável, porque é matéria inconsciente. Mas na matéria reside a vida. A vida é isto: alma. E só se anca a matéria. A vida assenta neste tripode: amar, desenvolver e aniquilar. E tudo isso é matéria, pura ou transformada, ética ou dinâmica. Amar é o supremo gozo, e o amizade dos dois sexos na bestialidade brutal e natural dos animais. Desenvolver é o trabalho do corpo em virtude de si mesmo, é o brotar da nova carne, informe a princípio, segmentada depois, regartida em segundas, origin dum braço aqui, esboço dum ventre acolá. Aniquilar é o término dessa matéria, filha do gozo, criada no gozo, morta para gozo dos outros, do infinitamente pequenos, que obedecem à lei geral, tripudiando deliciosamente a carne roída em peitos de cadáveres. A vida é, pois, a matéria; seu fim, o gozo. Tu vive; logo és maté, logo tendes para o gozo. E' lógico.

### AS ORELHAS Apoiado!

### O AMANTE

Calai-vos. Sois estúpidas como estúpidas é a vos: a colocação no rosto. Nada tendes de belo a tendes, tudo de dispensável. (Ans olhos): Continua! Sóis uns débidos, mas não importa, quero ouvir-vos.

### OS OLHOS

Mentes, pois, dizendo que desprezas o corpo e adoras a alma. Disseste malta que não sou belo, não tem consciência. Ainda uma vez mentiste. O belo tem sempre consciência de que o é. A adulteria de Bernadelli enguer-se-ia do mármore se alguém dissesse que era feia. Toleraria que se proclame a falsidade, nunca a fidelidade. A talia ri, o marmore agita-se, a palavra move-se quando o é verdadeiramente belo e o belo o insulta, achando-os deformes. E' próprio de tua natureza. A carne não, a carne faz melhor; atraí o imbecil e tâ-lo experimentar a sensação do realmente belo, obrigando-o a gozar a sensação de si mesmo.

Transforma o bêbado num abutre, a inteligência num estômago. Vinga-se, obrigando-o a sair-se. E' um homem inteligente e quem um anno insulta é dada-lhe a única coisa de cuja apreciação o julga capaz: um jantar que lhe provoque indigestão. Tu és o amo, eu farcio de carne. Tomai! A única coisa que te seduziu, em que te pese, foi o deslumbramento desta carne. Toma! Goza! Nião está a vida. Histórias tudo o mais; na filosofia são estúpidas. So existe o gozo, goza!

### O AMANTE

Não. A alma está acima da matéria. A alma revive, farta-se a decomposição, evola-se e vai de novo animar outro corpo. Como isto é soberbo! Quebra-se o vaso, obtem-rei outro: a flor lá está, sempre viva, sempre pura. Luz que bruxoleia sempre, quebre-se embora o lampião. Nião está o belo, pois que, para que alguma coisa o seja, carece de ser eterna. E este carater ao o tem a alma...

### A Perna

E esta linha esplêndida que me modela! Burde! Praticaste, e, séculos depois, tu a contemplanas, tu a sentiras excitando-to os sentidos, fazendo-te o sangue affuir à garganta como um punho, tal como neste momento. Continua.

### O AMANTE

(Conselho) E' curioso. Sinto-me entubado. Aquela perna dança na cabeca, excita-me, como se eu bebera falerno em casa de Assyájai! (Aos olhos): Só a alma é eterna, portanto só reside o belo na alma, porque a alma é a virtude e para mim a virtude é a síntese de tudo. A virtude e o caráter. Em que a matéria se pode equivar ao caráter? Onde a firmeza, a riqueza de que ele se orgulha?

### OS SEIOS

Em nós. Vê: somos mais rios, mais firmes que todos os caracteres. Nenhum ha que resista este tom carnívoro, a este aveludado mais macio que o do peixe-gato. Toca-nos com os labios

e sentirás o choque de uma pílha elétrica. Porque somos uma pilha: em vez de zinco e prata io, matriz e gozo — a sinete da vida. Tu mesmo estás subjugado, prostrado... Não nos dobramos. Os caracteres dobram-nos. Temos esta superioridade.

### O COLO

Ofusco-te. Que virtude existe que se possa a comparar a mim? Onde opulência como a que ostento? Deslumbra-te, bêbe o vejo! Cerras os olhos? Levas as mãos à cabeca? Estou! Coitado! (Sorrindo). Se isto tudo te pertence... Goza...!

### OS CABELOS

Devem ser muito bonitos os cabelos da alma! Dize-me: são escarlates ou branquias? Os da carne, digo-te eu já: são estes, Negros como o ódio, sedosos como o carinho. E sobretudo longos. Vés? Eva já não carece da folha de parreira. Aperta-a contra ti: a casca das cabecinhas cobri-la-vos voluptuosamente.

### O AMANTE

E' exquisito: cala-te a alma e o corpo grita! (Surpresa!). Que é isso? Olho gritos vermelfos, olhares rubros! Ah! a besta da carne berra!

(Os olhos, a perna, os seios, os cabelos, a boca dansam diante da Imaginação do Amante uma dança volúpissima. Cantam canções obscenas. Há uma embriaguez de carne e vinho. Cintilações vibrantes atravessam-lhe a vista.)

### O CORPO DA MULHER AMADA

Vem, amado! Quero, nova Abigie, aquecer este David, envelho cido pela filosofia. Vem, amado! Contorce-me no austral do prazer. Tudo é carne e gozo. A alma é importante e inutil. Por ventura proporciona o prazer? Dêmos-lhe, quando muito, o lugar de re: sonho (sic!) de orueto. E' um bonito movel, mas nada, quer do culto pela alma o objectivo da existência, não e luxuria, é ridículo. Tudo se resume nisso: um corpo como eu. V. m., amado! Entregue-me palpitanse: satisfaze-me.

### O AMANTE

Como era ingênuo! A alma sucumbe, o corpo enlouquecedor. R. sidem o senso e a reflexão, monótonos e proíundos, naquela: o sexo e a sensualidade, transitorios e deliciosos, nestes. Ora, gozem por haja! A vida não é a virtude; é a apoteose da carne. Olhos, tensões das razões. Materia e gozo, ris e sinta-se da vida. Corpo, satisfação.

Animalidade, entrego-me. Berra, monstro de carne! (Lêncas se voluntariamente ao corpo, expõe-o num longo amplexo animal)

1886.

"Novidades", de 3-11-1888.

## TUMULUS - Alcindo Guanabara

Vamos, Senhora, percorrer o Egito  
E visitar as minhas antiguidades...  
Aqui tens, neste livro, bem deserto,  
Todo o viver das ruas sepultadas.

Tens a religião e tens o rito  
Das populações embalsamadas:  
Verás a crença estranha e o estranho culto  
Dessas vidas na morte conservadas.

Mas se te não agrada a digressão  
Que te proponho, tens aqui meu peito,  
E dentro dele tens meu coração.

Onde, e verás a grande sepultura,  
Onde, num duradouro abraço estreito,  
Jaz meu amor e minha Desventura...

# UM PERFIL DE ALCINDO GUANABARA - Humberto de Campos

Entre as leis náufragas que Su-  
laco impôs aos alemães, uma  
buria, proibindo que se jalis-  
se mal dos mortos. E não era  
por acaso, de certo, providência  
muito justa, mas piedosa, mais  
humana.

As ferias não devoram as ferias  
da mesma espécie, quando as  
exauriram sua vida. O próprio  
corvo, na sua imundice, não  
toupe as carnes do corvo. Aperte-  
o o homem, que se corvo?  
Rei da Criação e que se diz for-  
mado à semelhança de Deus,  
Liquida, impudente, sobre o  
eu, é do mundo.

Ou acrólito, o mais favora-  
vel, há de ser, sempre, um sa-  
cristão. Não há homens perfei-  
tos, como não há diamantes  
sem salha. No íntimo de cada  
pela, há de haver uma che-  
ca, uma cova, uma solução de  
continuidade. E, nesse caso, o  
acrópolio, ou é impiedoso,  
porque não perdoa, ou é insí-  
cero, porque não reflete a ver-  
dade.

Alcindo Guanabara, tão mal-  
suado na vida e tão elogia-  
do na morte, é uma dessas fi-  
guas que podem ser julgadas  
sem ultraje nem honra. Não  
foi nem um demônio, nem um  
santo, foi um homem. Com-  
preendeu a vida como ela deve  
ser compreendida, isto é, como  
uma junção em que a sua  
maior obrigação era está: vi-  
ver. Suficientemente esclareci-  
do para não se supor o centro  
do Universo, ou para acreditar  
que Deus se preocupasse com o  
seu destino, atendia, discreto,  
aos reclamos do seu tempera-  
mento, desde que elas não pre-

judicassem a felicidade de ter-  
ceiros. A glória, para ele, era  
uma valdade sem tentações.  
De que lhe servia, realmente,  
um nome glorioso? Para que o  
julgassem depois da morte?  
Não seria preferível repousar  
anonimamente no seio da ter-  
ra, dissolvido nas suas camas-  
das inferiores, depois de haver  
aproveitado, à superfície, todos  
os gados humanos e honestos  
que ela lhe poderia oferecer?  
Por isso podendo escrever mu-  
to, só escreveu o indispensável:  
o brilho da vida — brilho que  
ele só procurou, aliás, para des-  
cobrir os frutos do caminho.

A sua vida pública foi um  
desdobramento da sua ativida-  
de, ou antes, da sua quasi ina-  
tividade Hierárquica. Podia ter  
ambicionado a presidência da  
República, a chefia de um  
grande partido, uma situação  
mais evidente no país e no  
mundo. Que vantagem lhe traria-  
vam, porém, esse relevo? O dos  
montes culminantes, que rece-  
bem, antes dos outros, os raios  
do céu. E como, na sua filosofia,  
o homem não nasce para  
desafiar os raios do céu, acom-  
panhava-se entre os maiores, de onde  
só as opinas para disputar a res-  
ta de sol, que lhe revelasse a  
presença em nossa orografia  
política. Era um Gulliver que  
vivia em Lilliput e que se abai-  
xava entre os pugnus, por  
não acreditar, jamais, na inali-  
abilidade dos gigantes...

Era má, porventura, a sua  
filosofia? Os pensadores de hoje  
di-lhe a antiga, sem se lem-  
brarem que eles, os inovadores,  
só eram restauradores de fe-  
riais correntes. Há vinte mil

anos. E os que a disseram dissol-  
vente, não vivem menos studi-  
dos. O ceticismo é menos pe-  
ripato do que a corrente ide-  
lista que se vem formando no  
seculo. O cético podeair o  
amoral. Mas do idealista pode  
sair o janíndico. Voltaire, na  
sua incredulidade, foi menos  
nocivo à espécie do que Tor-  
quemada, na sua teimosia. Se  
a religião pode fazer o santo,  
a descrença pode fazer o justo.  
E o esforço deste será mais  
meritório, porque praticou o  
bem por piedade do seu próxi-  
mo, com conciência da misé-  
ria comum, enquanto o outro a  
pratica na esperança do prê-  
mio. Tivem o céptico esclareci-  
do a probabilidade da sua  
renovação na terra, e ele conti-  
nuará a ser um justo; afasten-  
do crônico a certeza da recom-  
pensa no céu, e ele talvez não  
continuará a ser um santo.

Sendo um céptico, Alcindo  
Guanabara não melindrou, en-  
tre tanto, as convenções funda-  
mentais da sociedade. Vivia  
dentro dela, sem violência. Di-  
zia um filósofo do século XVII  
que o ouro só tem valor por-  
que é menos abundante do que  
a lava; se a lava fosse mais  
rara do que o ouro, este seria  
calcado nos pés, passando a  
lava a ser guardada nos co-  
fres. As virtudes, como os va-  
lores materiais, são frutos de  
convenções. Como o ouro, que  
é preciso e que também suja  
as mãos, há virtudes que não  
nascem e que são virtudes úni-  
camente porque são raras. Há  
pecados santos, como há virtu-  
des criminosas. Os pecados sun-  
tos são os que, podendo aumen-

tar a felicidade da espécie, são  
condenados pelas convenções  
sociais. E foram esses pecados  
santos, unicamente esses, que  
morreram de tristeza no dia em  
que não pôde chorar...

Alcindo era, assim, feliz: a sua  
maneira. Tinha o seu ambiente,  
como nós temos o nosso. As  
cores severas, os tons contri-  
nados, o isolamento de alon-  
garam-lhe necessidade da rou-  
pa. Viva neles atmosfera como a  
escripta na sua noite, e o peso  
no seu oceano. Contentando-se  
a si mesmo, vivendo a vida da  
sua conciência, não recorria ao  
fumulho das palavras nem às  
excentradas das atitudes, nem às  
monstrações do velho menino.  
Para além das nuvens em que  
disfarçava a amplitude da sua  
alma, talvez, o turbilhão das  
estrelas do céu...

Para Alcindo Guanabara,  
como para todo homem de in-  
tento, a vida oferecia dois ca-  
minhos. Ao fim de um delas  
resplandecia o trono de Ciro,  
onde o monarca, rodando os  
coriolos, tinha os braços pu-  
ralizados, peus cedelhas de ouro  
de Arinxeres. Era a corte clá-  
rica, na sua opulência e na sua muni-  
tura. No termo do outro, obri-  
gia o deserto, onde o abe-  
utava tranquilo, olhando o ho-  
rizonte, do dorso do seu ca-  
rolo. Era a vida do solitário. En-  
tre o calvário dourado e a libe-  
ridade aparentemente megar-  
tona, opiou pelo de fino do  
drábe, e desapareceu ao longo  
do horizonte, no silencioso oasis da  
Morte.

("Carvalhos e roseiras")

## Notícia sobre Alcindo Guanabara

(Continuação da pág. 33)

olve a propaganda de um pro-  
grama socialista. Trabalhou em  
"O Dia" e com a sua assinatura  
"Princípios", publica suas ex-  
piadas páginas literárias. Em  
1901 e 1902, colabora em "A  
Universal", e revive os velhos  
perdidos de "Diabo Coxo"  
• Marcelo".

É nomeado redator chefe de  
"O País", e ali fica até 1905.  
Entre os seus trabalhos ali, é  
preciso lembrar a campanha (in-  
favor das provisões financeiras  
que acabaram por pre-  
valer), e que tomaram o nome  
de "Convenção de Taubaté".

Na luta de Rui Barbosa contra  
Hermes da Fonseca, vemos  
Alcindo Guanabara na "Imprensa", jornal que ele fundou  
fazendo a campanha do candi-  
dato de Pinheiro Machado. Foi,  
como observa Alberto Faria, "o  
período menos feliz, se não to-  
talmente desastrado, do notável  
jornalista".

Em 1918, estava Alcindo Guanabara no Senado, como repre-  
sentante do Estado do Rio. Era  
um dos grandes trabalhadores  
da causa, apresentando sempre  
projetos de interesse nacional,  
discutindo sempre os assuntos  
de verdadeira importância para  
o Brasil. Lembrar-se, por exem-  
plo, que em agosto de 1917 ele  
apresentou à consideração de  
seus pares um excelente proje-  
to de proteção e assistência à  
infância desamparada, projeto  
que já era repetição de um su-  
tro, apresentado por ele mesmo  
quando deputado, em 1896.

No dia 19 de agosto de 1918,  
comparecia ele ao Senado, to-  
mando parte nos trabalhos da  
Comissão em que figurava —  
a Comissão de Poderes — e  
apresentando um parecer que  
mereceu a assinatura unânime  
dos seus colegas. As 4 horas da  
noite, desejando regressar à ca-  
sa em que estava passando uns  
tempos — que era na rua Gustavo  
Sampaio n.º 62, no Leme —  
tomou um taxi. No caminho,  
sentiu-se mal. Mandou o taxi  
parar na residência do seu mé-  
dico, o dr. Castro Barreto, que  
era também na rua Gustavo  
Sampaio, e pediu que ele facul-

tasse o socorro. Seus pad-  
cimentos se tornaram agravando,  
não obstante os socorros que lhe  
eram dados pelo médico. Embor-  
ba se sentisse tão mal, Alcindo  
Guanabara deliberou partir pa-  
ra casa. Quando se la levantou  
da cadeira em que se encontra-  
va recostado, rolou no chão  
em estado de coma. Transportado  
para um quarto da casa  
do dr. Castro Barreto, ali fale-  
ceu. Cercavam-no as pessoas da  
família desse médico, e as pes-  
soas de sua própria família, que  
haviam sido chamadas às pressas.  
Eram cerca das 2 horas da  
madrugada. Pela manhã, o corpo  
foi conduzido para a casa  
onde ele morava.

Dali, às 9 horas da manhã  
do dia 20, saiu o cortejo fúnebre  
para o cemitério de São Francisco  
Xavier.

**TRECHO DE UM POEMA  
EM PROSA**  
Alcindo Guanabara

Gosto amargo de infeliz, cel-  
ebroso punir de arreio, enxíño,  
salve! Sinto que me empolgas e  
vivo dominado por ti, misto de  
pesar e airtura, de gote e de dor,  
luto e lágrimas, satisfação e tristeza!

Tenho todas as alegrias que live-  
rão uma repercução que tem tan-  
to de alegre, como de triste. Meu  
repulso é tanto em juízo e se ra-  
chatura em tédio, vejo que a vida  
me solícita e me repele, simo que  
vivo e admiro-me de não morrer.  
Verm-me as lábios os bandos ele-  
gares de sorrisos que há pouco ade-  
javam sobre eles para fugirem  
apressados deixando-me na fronte  
o sulco do meu peito, o coração  
presa pela lembrança do que  
lhe, soando com o tom ruidoso  
de um sino tocando a finadas, e de  
repente esse dobro fento e triste-  
zido tem, alguma coisa do bim-  
balhar alegre dos sinos das capelas  
de aldeia.

O que cantar um canário: e tun-  
to penso que é a tua voz, como  
que é o pranto penoso de uma  
crueldade. Não vejo e não distin-  
go o que é vivo, o que é morto e te-  
mo o que é de ser.

No fundo, sinte-me intrinse-  
feta e aborvo-me-me de delicio-  
so sofrimento que, se me tortura agu-  
ra, garante-me que já vive um  
momento de prazer.

Ha três anos, o obscuro escler-  
tor destas linhas estava pela  
primeira vez na Academia de  
Medicina, com uns ressalvos  
apalermados de calouro a mani-  
festar a sua admiração por tudo  
aquilo, visto, pela primeira vez,  
entre para um quarto da casa  
do dr. Castro Barreto, ali fale-  
ceu. Cercavam-no as pessoas da  
família desse médico, e as pes-  
soas de sua própria família, que  
haviam sido chamadas às pressas.  
Eram cerca das 2 horas da  
madrugada. Pela manhã, o corpo  
foi conduzido para a casa  
onde ele morava.

**— C doutor vai assinar isto**  
— e apontava para o masso de  
jornais — para adquirir direitos  
à nossa eterna gratidão.

**— Que é que vem a ser isto?**  
— A "Gazeta Acadêmica", fo-  
lha que advoga os interesses dos  
estudantes, muito útil, muito  
conveniente, muito vantajosa,  
muito...

**— Bom. Quanto é?**  
— Dois mil réis.

**— Passe o recibo.**  
E daí a dois minutos, eu tinha  
em mão: um número da "Ga-  
zeta Acadêmica" e um recibo  
onde se lia esta assinatura:  
Olavo Bilac.

Viana e de outros, enchia a  
nossa "Gazeta" de boa prosa  
e de melhores versos.

Depois, atufado nas preocupa-  
ções do estudo, divorciado, por  
efecto de meu temperamento  
selvagem, das rodas dos rapa-  
zes, perdi de vista o Bilac, sem  
que contudo o houvesse pedido  
de nome, que sempre se impôs  
à minha admiração.

Um belo dia, depois que en-  
trou pelo mundo literário como  
muita gente entra pelo Senado,  
encontrei de novo o Bilac que  
havia feito o que eu fizera:  
mandara a medicina à fava de-  
pos de estar no quinto ano,  
preferindo a pena ao bisturi.

Tendo nascido para poeta,  
não dava absolutamente para  
fazer de cirurgião! Alinhou a  
terapêutica e a patologia e co-  
meçou a cantar, a cantar e a ver  
a gente em torno dele pa-  
ra mim de modo porque o fazia!

**Tudo que ai está, velo para**  
dizer simplesmente isto: o Ou-  
viro vai ser bacharel. Acabo de  
encontrar sobre a minha mesa  
o seu cartão de despedida: carta  
para São Paulo a conquistar o  
seu canudo que lhe daria cinco  
anos de vida de estudante e a  
subsequente direito de morrer a  
fome. Em todo o caso e pois que  
não queres privar a Faculdade de  
nosas rias letras — do prazer e  
da honra de te receber em seu  
seio, vai, meu caro Bilac, e volta  
breve, poeta como ninguém, ba-  
charel como toda a gente...  
Menos eu, justica se me faça.

**Não sei de nada mais raro,**  
não sei de outra cosa que tanto  
escasseze à miseria humana  
como isto que se clama um  
momento de prazer. E, existe o prazer? Nos olhos da  
mulher amada, disse-me aconselhando  
o tempo de casamento de oito  
anos, perdi de vista o Bilac, sem  
que eu pudesse produzir nua retinha negra,  
como na lâmina de um espi-  
lho.

**Não sei se Isto é verdade,**  
porque nunca houve uma rela-  
ção assim desproporcional. A  
se fixar sobre esas repulsa-  
tivas; mas o que sei é que  
nada tem sido tão difícil — a  
mim, como gozar um momen-  
to. Pois este punir que me  
aflige hoje e a coisa se me casa  
em um momento de gozo. Sabo  
relaxo com a voluptuosidade de um  
estúpido, morrendo calmo,  
tranquilo, vivendo da própria  
mortel. Pudesse eu, e a vida in-  
terior viver a assim, apertando  
neste sofrimento duvidoso,  
passeando este gozo, sofrendo  
esta delicia!

(Notícias — 10-7-1937).

## Primeiro encontro com Bilac - Alcindo Guanabara

UM MOMENTO DE  
PRAZER  
Alcindo Guanabara

Aranha Minor  
(Alcindo Guanabara)

CRÔNICA DA SEMANA SANTA

Aranha Minor

(Alcindo Guanabara)

Troquas ás maldições dos homens, suspendiam-se as hostilidades cotidianas, terminou a tristeza da humanidade! Estavam na quadra em que as e latuas se lembram de seu Deus e temem lágrimas de compaixão para aquele cordeiro de bondade que se deixou sacrificar por amor de nos todos. Andava enchendo o seto das raposas românticas lágrimas de peito profundo pelo perfil suavíssimo do Cristo, morrendo com uma resignação estóica no alto da sua cruz negra, e tendo palavras de perdão para a raiz de furtos que o sacrificavam.

E uma regeneração de costumes feita ex-abrupto a simples advertência da folhinha que assinala eloquente e silenciosamente a grande data do eruento pacífico. Veremos desfilar religiosamente em uma orgia de lágrimas a turba dos fiéis que se não podem ter sem se irem prostrar diante da imagem do Salvador. Morio cheia de engenho e com braços moveis. E quando do alto do púlpito o sacerdote, influenciado pelo te que lhe inunda o peito, agitar sobre as cabeças curvadas dos fiéis o grande sudário que contém a verônica sagrada, rebentava explosivamente o coro de lágrimas que afogariam os corações muito cheios de pesar, muito invadidos de gratidão. O tipo romântico do Nazareno, passando através das multidões revestido da grande calma dos deuses, pregando a sua suave doutrina de paz e de amor, e caminhando para o suplício com essa sacra e heróica abnegação em que morre pela humanidade, há de nos fazer a todos muito mesquinhos, muito balônicos, muito cheios de torpezas. Por momentos sentiria todos a dureza resultante da aplicação conscientiosa do nosce te ipsam, escrito no alto dos anfiteatros de anatomia e o arrependimento assaltaria os mais timidos e a regressão aparecerá aos meus audazes...

Depois virá o sábado. Alleluia! Alleluia! Hurrah pela vida, com todas as suas baixezas, com todas as suas indignidades que lhe são inherentes e que constituem parte inseparável de seu modo de ser! Fora a fôoco das lágrimas, fora a glória das orações, abaixo o público convencional. Pasmarão todos de que se houvessem incrimado por tão pouco e a si mesmos, mais ingratos ainda que os fariseus, perguntarão por que cargo d'água tiveram lágrimas a recordarem o sacrifício do Cristo, como se não fosse essa mesma a sorte de todos que se metem a Cristo!

Esta benta a água da pia batismal, está feita a consagração da madrinha d'ára!

Muito bem: demos provas de que somos bons católicos. Cristo resuscitou; vimos aos regaços deliciosos da Páscoa, aos belos jantares em família onde se pismam os pés os priminhos namorados, e onde se refestela com grandes aces patriarcais o pater familiar...

Deliciosa época, adorável quarta onde o profano se confundiu com o sagrado, a hipocrisia com o sentimento em um amálgama inteiramente consolador e profundamente humano!...

(Novidades, de 7-4-1937.)

# RUBORES - Aranha Minor NOIVA

Aranha Minor  
(Alcindo Guanabara)

Então como que havia alguma consumia, assim, naquele longo dia desconhecida para ela e martírio terrível e ignorado que tinha a habilidade de se Nunca lhe tinha passado pela mente lá, tão no fundo do seu mente que se pudesse sofrer tanto e de modo tão estranho. Porque o que a surpreendia muito, é que nem sabia dizer o que sofria a más, quando esta lhe prendia a cabeça, expantando-a num longo beijo fúgido e amoroso. Estranha coisa essa que a perseguia assim, aquela forma, apertando-a, perturbando-a, atirando em seu espírito as revoluções, as calmas e as ânsias de um oceano! Aquilo seria um castigo, Deus do céu? Mas que poderia ela ter feito que merecesse pena tão grande? Não se acusava de nada...

Mas quem sabe se os outros também não sofreriam assim? Era então uma devastação aquilo, barrando tudo, atingindo todos? Era um flagelo irremente ao homem, a cólera ou a vingança de um Deus poderoso afirmando a sua e transmitidas todos?

E o sangue: como um íate vibrado por mão forte, enrodilhava-se-lhe pelo corpo, produzindo-lhe a sensação desconhecida de um prazer, de que não se tem idéia nítida, semi-satisfatório. E tinha todas as confluências e acanhamentos que pode ter uma virgem diante de uma palavra que a molestie: fechava os olhos recolhendo-a à concha da sua alma, com rubros pedaços de céu esparsos pelo rosto, que se fosse este o refletor das nuvens vermelhas que o sol, como um nádalo bebado, orgânicamente, amontoava sobre a campina. E de repente, já nida, surpreendia-a naquele puder, admirado dele, sem conseguir compreendê-lo. E passando os olhos pelo rosal que se admirava por baixo das janelas, prendia-os a um handô náculo de passarinhas que cantavam por ali fora as egruras e os amores que se lhe animavam no peito!

E mal podia compreender porque motivo não queriam matar que lhe brincasse como antigaamente, e correisse de saia curta pererna à mostra... E insensivelmente, só com lembrar-se de poder mostrar-se aos outros com um pedaço da perna ajustado à metade cor de carne, encostou-se de uma perturbada incompreensão, encostou-se, de perna de vermelha, dentro de si mesma, como se tivesse pensado em uma coisa terrivelmente abominável.

E corría de vergonha, o rosto em fogo, passava repetidamente a mão pela face e comprimia o seio, que, como uma pequenina onde se agitava naquele estranho flujo e refluxo. E a chusma dos desejos longe que ferilharam lá dentro, sem que ela o soubesse, assaltava-lhe a mente e escapava-se pelos olhos naqueles ratos fulvos e vibrantes, que fugiam pelo ar, dançando, deslumbrando-a, prostrando-a numa moela parelha de pomba apaixonada.

E tinha uns tremores vaquos, receios, que se não acinzentavam, de coisas desconhecidas que lhe apreciam ao mesmo tempo delícias e horrores. Levantava-se do seu corpo, branco como uma pétala de canelha, um sopro valente de carne que desperdia. E aquela mistura de tortes de carne, e meias tintas pálidas de inocência, barbada de cores mal entendidas, de um rubro que a assaltava subtilmente, de uma palidez que vibrava inesperada.

E ficava ali, junto à janela do seu quarto, vendo o sol descer-se sobre o campo, estreitando os rosais que lhe enviam perfumes enervantes; e aírdio que com os olhos pasmos naquela orgia só de luz, não lhe enviaia um olhar inteligente, toda preocupada com o esboçamento em que ela própria ardia. Passava os dedos pelo pulso, sentindo o gorgolhar apressado do sangue nas artérias, fulgurando que ardia em fogo, uma febre voraz que a

realmente era incompreensível aquilo! Pois como se entendia aquele sofrimento agriado, dor mosquito de prazer, agradamento cheio de satisfação, que lhe constituiam a vida, depois que soube ser amada, depois que lhe confessou aquele galante rapaz que lhe potocava o espírito e lhe habitava o coração?

E ficava muito admirada do que lhe ia pelo alma, sem compreender a própria severidade que tinha para consigo, ansiosa por lhe dizer tudo quanto sentia por lhe contar minuciosamente todos os sonhos que tinham, desejosa de sonhar com o seu futuro brilhante, pensando de satisfação, que lhe aparecia como uma nega de céu azul, ponteada de estrelas.

E todavia, só com recordar-se da dia em que ele a dominara, abalava pudicamente a cabeça, toda ruborizada, o seio arfando agitado, como se as palavras que lhe caíram nos ouvidos fossem gotas de lufa ardente que lhe incendiasssem o sangue, a pungulhar precipitadamente pelas veias. Deixava cair o bordado e ficava muito quieta, silenciosa, alheia ao que a rodeava, a ruminar intimamente o prazer dessa confissão que não sabia porque, lhe seemava no rosto as rosas rubras do pendor. Vinham-lhe nesse êxtase, pouco a pouco, todos os projectos risonhos e felizes que eram o seu encanto e a sua vida desse que aquele amor lhe assaltou o coração e se lhe hospedou no seio como um áspide deviloso e astuto; cantava-lhe ao ouvido, a música deliciosa do amor, a voz dele, e beijava-lhe os mados e ajoelhava-se-lhe aos pés, humilde e suplicante, ele que era forte e valoroso, que se atraía a vida potente e franco, lutando altrevidamente andas. Subscrevia aquela superioridade de mulher e de rainha, aprazia-se em fazê-la tornar-se criança com ela, correr por entre as alamedas e perseguir os beija-flores e aír-se-se consolado no fundo da chácara sobre a relva fresca, onde ela se assentava, pagando-lhe generosamente o esfalfamento em que estava, com um longo beijo que estalava no silêncio morno do arbolado monotônico. Depois vinham as enciclas, os galanteios criancicando-se sucessivos, incendiários, velozes, e os beijos sucedendo-se, os esfaldidos cortando-o ur como jaguinhos, quemando-lhe os faces, irritando-as carnes e alguma coisa de incompreensível e de misterioso a excitar, picando-a como pontas de alinhete. Levantava-se perturbada, desviando os olhos de tudo, vendo risadinhas de moça nas rosas que, debriadas das hastes, se estendiam pelas curvas dos conteiros, mesclando de um escarlate escandalizador a severidade glauca da grama. Recolhia-se então ao seu quarto, ao seu delício quinto de donzelas, em que achava tão grande prazer outrora e que lhe parecia agora tão nôdo solitário, tão pequeno para cobrir o seu corpo puríssimo de virgem! Já não se estendia no canto que se abandonava a um canto, abrindo os braços num enlaçamento saudoso. Parecia-lhe tão mesquinho aquilo! Ah! se ele estivesse ali, encenhado de vida e de alegria aquele ninho quente e confortável! Como se mudaria tudo! Quanto risos teriam as flores de sua "corbeille", como seria alegre a cípula rubra de seu cortinado! Enchia-lhe o peito de vida percuente dor, afogada em saudade, num estremecimento austero que não compreendia bem mas que a alegava, que a enchia de um abalo novo, de um desejo indivisível.

Subitamente, toda ela estremeceu, como se fosseapanhada numa fulta vergonhosa e abatava a cabeça, mergulhava num banho róseo de pudor, como se estivesse a ouvir a confissão do amor deite, murmurada ao ouvido, em palavras quen-

tes que lhe lambiam o rosto como lingua de fogo. Protestava para se lembrar mais disso, indignado contra a sua franqueza, que a sujeitava assim à lembrança de um homem que estava — díquelas horas — quem sabe? — a fir e a gozar por esse mundo de Cristo!

Um ingrato os homens! Elas — coitadinhas! — ali estavam metidas entre quatro paredes, amontoadas por causa delas, submissas, suspirando por um sorriso; e elas andavam despreocupados e contentes passando o tempo na rua do Outidor, divertindo-se em todos os teatros, num desprazo completo de suas angústias. Vinham-lhe quizcas amargas contra o sexo, a condignidade geral, inflexivel, logo atingindo todos como uma excomunhão lançada por uma grande deusa.

E pouco a pouco, como se uma voz íntima lhe falasse, vinham-lhe pruridos de eructo, assaltavam-na os fatos apresentando-o bom, submissos, lutando pela vida como um fôrme que era e dobrando-se-lhe aos pés, fraco como um amante sincero. Lembrava-as de seus passeios, à tarde, juntos, pela estrada, forja muito branca, serpenteando pela encosta, e ouvia as risadas dele, alegre com a sua presença, cheio de contentamento por lhe ouvir os gritinhos medrosos diante de um inseto, os pismos que ela manifestava no ver as flores que ele lhe a buscar por entre os espinhos que bordavam as margens arenosas da estrada.

Não! Ele não era como os outros, récia de ingratos que viviam de ouvir os soluços das mulheres e o esforço do "champagne"! E, sentada sobre o capape, olhos semi-cerrados, naquela claridade díbil coada pelas frestas da veneziana, via-se aproximar-se dela, forte e grande, tendo a vida toda dependente de um sorriso seu, pronto a embarcar-se, a fugir da eternamente errante pela terra, condenado por ela, a ajoelhar-se e viver a vida fada na contemplação mística de sua pessoa.

E enchia-se de glória de uma satisfação grandiosa, tomando um arso soberbo de deusa deida do altar, estendendo as mãos compridas e finas, como num abra de misericórdia, a perdoar a um culpado e a receber um amante.

E abandonara-se longamente no capape, ansiando nuns estremecimentos incompreensíveis, afogada na trepa que caia sobre seu corpo e que a enchia de umas prezenças novas de amor e de cuidados, de prados revoltados e de desejos inexplicáveis, indejindidos...

## A FELICIDADE DE TER UM CALO

ALCINDO GUANABARA

Eu sei que é triste e que não vale dols caracols; mas hoje não sei que é que há de novo pelo azul que estou sentindo uma ponta de satisfação em ter um calo que me dóe, e que é o mais flagrante sinal de que vivo. Naturalmente, o meu prazer vim disto mesmo: de eu sentir que uma parte do meu corpo está sendo flagelada pela dor. Não compreendo a vida sem isso, porquê eu não compreendo a satisfação absoluta e porque não ha gosto sem desgosto.

Aqui seputado na comodidade de beatifica de minha poltrona, sinto la fora a luz afogando alegremente a natureza ouço o bulício e o movimento do povo que passa, e chega aos meus ouvidos nários nas janelas do Provençal.

Por sobre tudo isso, dou-me o calo, que faz neste momento para mim o papel do escravo acompanhando de perto os triunfadores romanos: "lembra-te que é homem".

("Novidades" — 27-4-1937).

## A SAUDADE

Alcindo Guanabara

Nada existe que melhor ideia de do que deve ser o céu e o inferno, que este delíoso punho de acero espinho que te constitue a ti, saudade!

Gosto amargo de infilzes, deixa-me os te saborize. A ti que é mais doce que o mel Hymeto e mais amargo que o feij e o vinagre que deram no Cristo.

(Novidades — 10-7-1887).

# A propósito de Shakespeare - *Alcindo Guanabara*

... nebuloso, incompreensível, cheio de treva e de duração, mas profundamente, verdadeiramente humano."

Estas palavras que se ficam tive eu a intenção de as escrever há um par de dias em um estúdio e monólogo artigo em que pus à prova a paciência e a bondade do círculo do sr. Eduardo Brazão, tornando a liberdade de apreciar a interpretação por ele dada ao controverso caráter de Hamlet e aplaudindo-a sem reservas. Eu bem sabia quanto me meti a exercer aquelas malandadas linhas que estava a inventar por sacra achara e tinha noção perfeita da minha ignorância e da minha incompetência em matéria de crítica literária ou dramática; e fazendo, como fiz, concessão plena disso, evitava com a benevolência dos leitores e com a complacência dos outros. Um destes, porém, o meu ilustre colega sr. dr. Valentim Magalhães em o último número d' "A Semana", tratando com grande proficiência do mesmo assunto, encabeçado por ver escrito aquilo que eu destra minha pena afitei no fabrico de teias, mas intimamente hospede nestas transcendentes que os de crítica dramática.

Fois que o meu ilustrado confunde, pondo entre aspas a heresia que lá está acima, não só tenha dignidade de dizer quem foi o bocelo que a escreveu, eu poderia deixar-me ficar muito quieto e aprovar-lhe feito sem mais vacilo, enviando ao censor um cartão de agradecimento por m'a ter dado gratuitamente, mas como não desço ter fios de pal desmuntado, peço licença para, reconhecendo o filho, apresentar ao alto critério do sr. dr. Valentim Magalhães as observações que me sugere a sua contestação tão convincente, quanto sentiu. E para isso averbenho que o sr. dr. Valentim Magalhães se surpreende com o fato de estarmos todos de acordo em dizer que os heróis de Shakespeare são homens e aplaudimos os monstros que a tradição da tragédia nos apresenta no palco; que o sr. dr. Valentim Magalhães não comprehende, não acha e não admite um Hamlet nebuloso incompreensível, trabalhando pela dúvida e pela incerteza; que o sr. dr. Valentim, afinal não concebe que um caráter assim seja profundamente, verdadeiramente humano.

Antes de tudo, eu devo declarar que Iago é uma questão meramente literária e que não cuido aqui de discutir a interpretação dada por Fulano ou Beltrão; trato apenas de provar que a minha frase em relação ao Hamlet está bem apadrinhada, e não é assim uma tolice tão chata, que mereça an meu distinto confrade as lamentações que lhe provocou.

Dizer que Shakespeare é um profundo conhecedor da alma humana é repetir uma frase que por muito dita já tocou as raízes da banalidade. Nenhum poeta dramático tem revelado tão profundo conhecimento da alma humana, e por isso também nenhum tem sido tão verdadeiro no desenho dos caracteres de seus personagens.

Shakespeare surpreende sintomas das impressões rápidas que a alma humana experimenta e sabe fixá-las de tal sorte que o menor deixa d' perfilar idéia das paixões, da indole, da tendência de seus personagens. Do centro de todos os heróis de suas peças, elas definem e os acentuam fazendo-os mover-se e falar como o fariam de motu proprio se tivessem vida. Emprestando às suas crinças os sentimentos que elas surpreendem à alma humana por um estudo e uma observação surpreendente, elas as deixam pensar e agir segundo a lógica da natureza e é dali que resulta a flagrante verdade de seus personagens que se representam de tal sorte ao espírito do leitor, que é preciso admitir que os próprios monstros, se existissem, deviam ser como elas pintas.

Esse cunho de toda a obra de Shakespeare é reconhecido e proclamado por quantos competentes a têm estudado e criticado e ninguém hoje se lembra de contestar que os heróis de Shakespeare sójam homens nas paixões, no caráter e na indole. A questão que se tem discutido resume-se em saber se cada herói deve ser considerado um indivíduo isolado como pretende Pope, se uma classe de homens como entende Johnson.

Na quem pretendo que se pode conciliar estas duas opiniões, acimilando que os personagens de Shakespeare sejam indivíduos de uma natureza muito particular, mas que tem uma significação mais larga e cujas teorias se podem aplicar com um caráter de universalidade.

Antes de mais nada, o que é bastante saliente na obra de Shakespeare é o intuito de animar cada herói de um sentimento humano e o colocar, animado por esse sentimento, num certo meio, onde ele se desenvolve, lógica e fatalmente como se desenvolveria em identicas condições na vida real. Aqui está a superioridade de Shakespeare; a arte pôde e para a verdade, levada ao extremo do esculpido que tem na linguagem de seus personagens perfeitamente adaptada à sua posição, no momento e no assunto. A humanidade de seus heróis vem antes de tudo da humanidade dos sentimentos que os sintetiza; cada herói é uma idéia encarnada, cujo desenvolvimento se com a sua grande arte e o seu perfeito

conhecimento do coração do homem faz com tal habilidade, que não se acredita estar diante de um produto de sua imaginação.

No palco estes heróis não podem ser nem maus, nem menos do que o são na tragédia. Pretender, por amor à verdade, que estas vintenas de paixões e de sentimentos, violentos e energicos, tenham a blandura de menestrelas ou o arrulhar de pomos e pretender que se fale exatamente aquilo que se quer que valga. O naturalismo no teatro, como em tudo o mais, não é, nem podia ser a negação absoluta de tudo quanto ate hoje tem sido feito; não é nem pode ser um "auto-de-le" que condena os maldos imp. recebíveis os diversos gêneros da arte. Muito ao contrário, se os intuições do naturalismo e nobilitar a arte transformando-a em fidelíssimo espelho da verdade, ninguém tem o direito de exigir que os heróis de Shakespeare sejam apedidos da pena em que o poeta os colocou, criando-os, por uma intuição da verdade ira função da arte, como a encarnação de sentimentos humanos. Não se consegue, por exemplo, que seja real, que seja verdadeiro, que seja natural o crime sanguinário e frio de Otelo, em cujas vias corre o sangue quente dos de sua terra, explodindo em suspiros e em gemidos de resignado. A verdade é que o crime quando leva o homem ao cativeiro do assassinio e violento, rompe com fúria, como uma corrente que quebra os diques e leva o homem a semelhanças da bala fera.

Eu já disse que não estou discutindo interpretações, nem simplesmente que se a convencional ou tipo da tradição pelo fato de ser violento e justificável e aplaudível como que o coroam reconhecendo, entretanto, que os heróis de Shakespeare só são humanos. Human tanto é o clima levando ao ódio, à fúria, ao desespero, ao assassinio, como o amor conduzindo ao sacrifício, à blandura, à lágrima, no suicídio. A verdade no teatro é ser feraz como um tigre com um, e ser manso como um cordeiro com outro.

O meu ilustre contraditor não admite um Hamlet preocupado pela dúvida e pela incerteza e colora-se por essa ilusão numa brilhante exceção a todos os comentadores e críticos do grande poeta inglês.

Parece-me que o meu honrado confrade entende ser Hamlet um sujeito muito resolvido e muito deliberado a umas tantas coisas, que se finam dois o no intuito de descobrir o crime do rei, nem que nada o preocupe, nem que se impressione mesmo com isso. Um espírito velho e uma resolução nubla avrem firmeza. Aqui é que bate o ponto e lamenta extremamente, que todos os comentadores esfuzam em desacordo com o sr. Valentim Magalhães. O tipo de Hamlet que eu visto saltando da tragédia shakespeariana é exatamente esse "nebuloso incompreensível, cheio de treva e de dúvida" que eu tive o desprazer de pretender esboçar não fazendo mal, diga-se a verdade, de que repetir o que a sociedade tem sido dito. Hugo chama ao Hamlet a tragédia-sônia, dando nessa frase a ideia o tipo indefinível, perturbador pela preocupação do destino humano que a enche de toda sua grandezza.

Schlegel compara esta tragédia "a uma desas equações iracionais que nunca podem ser resolvidas e nas quais fica sempre uma fração de grandeza desconhecida". E o eterno problema que desde sempre assola ao espírito humano: e a eterna pergunta: se não Valerian mais dar cabo da vida que suportar toda a sua crueza; é a eterna dúvida sobre o que ha de vir — que se apreende no espírito imprevisível, fraco e irresoluto de um princípio. E' ele mesmo que o — ou, não vé todos os sofrimentos, todos os desgostos e todas as contrariedades podermos ser tão facilmente eliminados por um punhal que não é vibrado somente porque ainda nenhum violor voltou das fronteiras da morte;

For who would bear the whips and scorns  
of time  
The oppressor's wrong, the proud man's  
contumely  
The pangs of despis'd love, the law's delay,  
The insolence of office, and the snurms  
That potent merit of the un worthy takes,  
When he himself mihi his quietus make  
With a bare bedkin?

But that the dread of something after the  
death —  
The undiscover'd country, from whose  
bowm

No traveller returns — puzzles the will...

E' um preocupado, é um irrazoável que procura sempre criar dificuldades a si mesmo, seguindo esse processo extraordinário amnte humano de engarbar no próprio espírito, encampando a sua folla de razões, a sua incapacidade para agir como os príxenos que inventa. E' um tipo que é raro e não é raro; que se aterroriza com a imagem do fai no momento da aparição, para logo depois, quando não vê mais, indagar se não foi vítima de

(Continua na pág. 42)

Correspondência de escritores

*Carta de Alcindo Guanabara a um amigo*

Meu caro am:

O portador desta carta, o Dr.  
Luiz Seabra de Oliveira, é um velho  
meu amigo. Apresenta, evidentemente,  
uma terra e a sua vida está cheia de  
desventuras. Com o seu dente  
de ouro que já perdeu — embora  
não de todo, e a sua mão que  
é sempre fraca, ele é um  
homem que é sempre forte  
e sempre forte é a sua alma.

Luiz  
M. G.

O portador desta carta, sr. Francisco Soares de Almeida, é um velho amigo meu. Infelizmente, é industrial nesta terra e o liso está-lhe quasi a arruinar-o. Creio que você — à vista do voto que já preferiu — pode se não salvá-lo, ao menos adiar-lhe a ruina. Ele lhe contaria por mundo a causa; e o que puder fazer por ele será feito ao

Am.º m.º grato

ALCINDO.

Aranha Minor  
(Mendo Guanabara)

A felicidade --

A filosofia é árida; pensar é transitando pelas aleias de enlouquecer ou matar. Sejamos frivólos e não cogitemos nas coisas da terra, nem nos sentimentos do homem. Passar a vida a rir numa despreocupação absurda, é a felicidade. Saber ser nulo, sia o valor. Na vida vencem os fortes; e os fortes são os que tem um gesto de desdem para todas as coisas e se abrem dentro de sua futildade, como dentro de uma cobra. Poder ser de cera e tomar resignada e alegremente a forma que a necessidade nos impõe, é a maior virtude e a mais assombrosa qualidade que pode ter um vivente.

Rearigir é aniquilar-se. Ter o cérebro constantemente trabalhado por uma preocupação abstrata ou material é ser idiota; ter essa preocupação num objetivo determinado, tê-la dentro e fora de nos, tê-la dominando-a a todas as horas e a todos os instantes, já não é ser idiota, é ser doido varrido.

O que mais desconsola e o que mais fere é que, apesar dessa cegueira, ninguém é tão cego quanto eu, para prescrever ao cérebro todo esse arsenal de pensamentos e cogitações, que nos vão justificando o lugar no Hospital de P. dro II. Caminhante para a loucura com a impossibilidade mental do fero caminhando para o mal. Não há revoltas, não há rebeldes; a fatalidade enche-nos o cérebro de ideas de atrito, obstrução, o raciocínio, suprime o juizo.

Assim amputados, a loucura oferece-nos a muerte a que nos expostos para chegar à cova. E' febreiro, mas é verdadeiro. A vida deixa de ter nela; ninguém

("Notícias", de 26-1-1987).

# Trecho de um livro inédito - Arente Minor (Alcindo Guanabara)

Madugava. A cidade despertava aos poucos, preguiçosamente estremunhando, tendo grande dificuldade em acordar as palavras. Sobre a escuridão silenciosa a negra cala uma treva diluída, fina, como se um enorme véu transparente de crepe descessasse do céu à terra. Havia nas ruas longas e tortuosas um silêncio pesado, a coma do trabalhador pertinax que se atira ao leito depois da sua dura noite de trabalho consciente. Aquela hora, a cidade estava ainda na cama, saborizando a delícia do segundo sono, cerrando os olhos muito de indústria para não se aperceber de que o dia ali vinha, semeando de cítrico o nascente, coberto de nuvens ténues, flexuosas, de um cítrico esbranquiçado.

Tinha partido os últimos bondes havia muito; e, apesar de o dia em quando, quebrava a monotonia da treva o vulto cambaleante de um ébrio erguendo-se penosamente sobre as pernas do passeio, e vomitando uma exclamação obscena que cortava a treva perdendo-se sem eco no interior do jardim. Em frente a ele erguia-se majestosamente sombria a Igreja de São Francisco, solidamente fundada no largo, com as suas duas torres curvas e baixas furando o espaço como se fossem cornos de uma cabeça fantástica. Aqui e ali, semeadas pelo largo, ardem bicos de gás com uma coloração estranhamente vermelha, sem palpitacões, magnetizando a treva esgurgida com aquela fuligem de uma intensidade persistente.

No meio do silêncio que se estendia brutalmente pela praça, ouvia-se o gluguetor insistente e contínuo do rio d'água lavando os míticos desertos e abandonados. Junto a elas, sobre a escadaria da Escola Politécnica, um pobre diabo dormia, encoberto do frio da manhã, a cabeça reclinada sobre o braço em flexão, o corpo mal amanhado dentro de umas miseráveis roupas em frangalhos.

Chegou ali, orientou-se, esfregou os olhos violentamente como quem desperta de um sono pesado e abriu-os para a solidão inquebrantável da praça. Teve um gesto de surpresa ao sentir-se de novo no lugar de onde partira; e muito intrigado consigo mesmo, sem se saber explicar por que ali estava, atravessou o jardim, cabeça baixa, perdido no mar de seus pensamentos, disposto a tomar o bonde que o conduzia a casa. Do lado oposto havia apenas, no corredor da cochreira, pendente do teto numas oscilações de pêndulo um lampião velho e sujo derramando uma claridade baixa. De dentro, vinha, a espaços, uma baforada repugnante de feno e estrume e suor dos muários, muito direitos e muito tesos nas balas que se estendiam regulares e monotônias. Nem viva alma na praça!

Ora, que estopada! pensou, foi-a o último bonde? E apinhamento-se do bico de gás que flamejava na esquina, pulou o relógio, um pobre diabo de nicho que fazia milagres para levá-lo lá pa a dois anos. Quatro horas. Quatro horas! Mas então tinha passado toda a noite na rua, perambulando, correndo sem destino como um vadio, sem se aperceber de que as horas fugiam tão rápidas como os pensamentos que lhe corravam o cérebro!

E ao lembrar-se de que era assim sempre, de que se não podia furtar aquele excesso violento de pesar que o assaltava vis-nunca e se lhe agarrrava à nuca como um bulldog, cegando-o, encerrando-o, devairando-o, atirando-o pelas ruas da cidade que percorria, que devorava sem consciência disso, teve um suspiro forte e magoadão, um longo suspiro de dor levemente mesclada de alívio por se ver de novo restituído à paz e ao mesmo. Sentia ago, o mesmo pesar que o ensombrecia e o fustigava, incendiando-lhe o cérebro, mas com a consciência da mágoa, voltava-lhe o seu decantado poder de vontade para conter as lágrimas que lhe enchião o peito e para sufocar no coração o bando negro de soluções que o povavam.

Agora havia já claridade: a cidade despertava, saltando da cama para a rua, enjocada nos casacos de bacia azul dos profetas que apagavam os bicos de gás; na blusa dos operários que passavam aos magotes falando alto, escancarando as bocas em ga guilhadas vibrantes; quebrando a monotonia pesada da manhã no tilintar dos guinchos das vacas de leite, que se arrastavam penosamente, carregando os uberes volumosos e grandes balões; indo-se obsecos entre as pernas; vendo passar a correr, rapidamente, de um lado para outro os vendedores de jornais que os traziam em moços, debalde do braço, amígdilos, ressendindo a tinta; ouvindo ao longe o rodar de carros; de todos

os cantos, de todas as esquinas como se se houvesse tocado em um formigueiro, vendo surgir uma legião de pessoas que eram negros, trazendo taboleiros de verduras, ou de carne, vermelha e gorda, com a sua balança de metal em clima; padres passando apressados na boleia de suas carochinhas; cocheiros de "bilbrys" que os conduziam ao seu ponto habitual; trabalhadores que se apressavam, escarrando com estrondo; varredores da cidade, manobrando as páis de encontro ao lixo das ruas; e tudo isso no meio de um sum-sum monótono, como se toda aquela gente ali estivesse a contragosto, muito amuada com o sol, que se erguia aos poucos, lamentando com siles o abandono forçado da calentura de seu coxim de nuvens cor de pêrola.

Pela rua do Ouvidor fora, raros transeuntes descalam, enfrentados em sobretudos, sobrando minhas de vinagem, apressados em apanhar o tren da manhã. Pelos interstícios das portas dos cafés passava uma réstea de luz iluminando a água que ficava da lavagem do ascalho em poças, no passeio; e na esquina da rua Gonçalves Dias, junto de três ou quatro macos de jornais, sobrepostos, em ordem, um petit apregava sonoramente, contemplando o "Provincian" imóvel e taciturno: "Gazeta", "Pais", "Jornal" e "Diário".

Ele olhava indiferentemente para esse renascimento de vida: para essa resurreição da cidade horas antes morta de cansaço e sepultada na escuridão pesada e espessa, para esse contentamento triunfante que se erguia da animação da calçada para se alzar ao céu sul todo franzido de branco e ouro e que o cercava, que o rodeava, sem que se lhe comunicasse, sem que lhe penetrasse pelas ventas abertas ao ar da manhã, sem que lhe fizesse arder o sangue astorgado nas veias.

Já não se lembrava sequer de ir para casa e vinha distraidamente descendo a rua do Ouvidor, olhos foscados nas pedras das calçadas, varridas de novo, prontas para o tropel da população inteira que ali viria dentro em pouco como a um lugar obrigado ostentar o seu tédio ou o seu vestuário, espalhando a sua dor ou vomitar o seu contentamento. Aquela hora da manhã, apenas um ou outro jornal tinha meia porta aberta e diante dela uma multa de carcamanos, petizes tocos, maltratilhos todos, esmurravam-se mutuamente, num xarilar medonho de exclamações e de pragas, esperando receber os exemplares para a venda do dia.

Havia já uma verdadeira orgia de luz atraída aos punhados pelo sol que se erguia vitoriosamente de um maciço de nuvens cor de ouro e adiantava-se triunfante pelo céu fôr, pondo no azul diafano que percorria uma escandalosa mancha vermelha. Do largo do Paço via-se o mar arquejante e cioso, gemendo na praia as eternas quelhas de seu amor insaciável; e sobre o seu dorso ondulado, aqui e ali, semeadas sem ordem, uma multidão de veias brancas pintalgava-o todo. Do cume das montanhas firmes e tessas, muito azuis e muito distantes, caíam esfarapadas, escorregando volutuosamente, névoas brancas, esparramadas pela lisa poente do sol, como se fossem véus de novais rotos pela mão nervosa do senhor daqueles corpos.

Soprou agora em toda a natureza inteiramente deserta uma aragem vitoriosa de atividade e de vida, um poderoso tufo de pujança e de contentamento abrindo todas as janelas, escancarando todas as portas, arremessando toda a gente para o convívio glorioso da sociedade triunfante, que remolinava alegremente no ramerrão medío dia faina de todos os dias. E diante dessas manifestações vibrante de vida e de luta, recomeçada ao calor fraternal do sol, embebedado de alegria no manto sulfureno de nuvens que o cercavam, ele continuava a ter os mesmos desalentos e o mesmo pesar, continuava a sentir roer-lhe o peito o mesmo tédio e a mesma agonia que o fazia ver tudo triste e lugubre, como se a terra arquejasse na agonia extrema e o sol fosse o tocheiro que alumasse a natureza morta. Que porcaria murmurou abrindo a boca num longo bocejo tedioso e fúnebre.

E muito cheio de nojo e de asco veio ao acaso meter-se num bonde, acomechendo-se para o canto sem olhar para nada, sem perder tempo em contemplar aquela imundice que estava p'la, a irritá-la, a dar-lhe uma gana de mandar tudo à fava, rebentando a cabeça com um tiro de revolver!

(Novidades, 14-10-1887.)

# VIVAMOS A DOR

## Arente Minor

Passam-se os dias, no, os dias voam tênuo no céu e na terra! Morremos e ressurgimos, sepultados dentro de nós mesmos, sem dor e sem lágrimas, sem alegrias e sem tristezas; é que a vida ali está e nós a olhamos estupidamente, boicamente, como se tivesssem os olhos de vidro contemplando a natureza morta. Não vai nisso desconforto, nem desespero, a compreensão exata de vida é essa: muito desdém e muito tédio.

A esta hora canta lá fora a luta caída em jorro e um canário saúda estrepitosamente e um sino bimbamba todas as súboras alegrias do bronze. Ia, cortando a natureza, um sorprendente de vida; e a noite tira entorpecido e morto, olhos semi-cerrados, a sonhar com o paraíso, chelo de árvores, repleto de sombra, povoado de deusas, pleno de prazos. Não há o riso que é a hipocrisia do rosto; mas há a calma que é a sinceridade da satisfação.

E canta lá fora a luta caída em jorro e um canário, a saudade estrepitosamente e um sino bimbamba todas as súboras alegrias do bronze. Entre tanto ontem era a treva diluída que dominava a terra e o canário que ali está, saltitando, vivo, empilhando-se, recolhendo-se empoleirada e tristonha e o sino que réplica festivamente, dobrava funtreo e triste clamando ao recolhimento do nada um cadáver encravado.

Não há satisfação sincera, não há gozo que persiste: acostumemo-nos, pois a esta sombra exigência da vida e vivemos como quem espera desculpado a infeliz visita da morte. Sejamos cegos e surdos e que a vida passe, como um monstrango que é, miserável e estranha, cheio de risos e de prantos, de satisfação e de dores.

Por nós, fizemos com a dor, a grande, a desdémada dor! Canta embora lá fora a luta caída em jorro, madea e estrepitosamente um canário desprotegido, bimbamba um sino toadas r' sonoras alegrias do ornato; nós cá ficamos vivendo deserte morrer aos poucos, sem tristezas e sem alegrias, contentes avanas de sofrer a dor, a grande, e desejada dor!

(Novidades de 4-10-1887).

## XVI

### A Alcindo Guanabara

# AD SODALES

Ermo. sr. dr. Alcindo Guanabara — Como corre o tempo! E quanto depressa nos chegam as desilusões e os cãibolas brancos!

Brinca, brincando, vai já para cerca de quinze anos que eu conheço u. excia. e admira o seu belo talento. V. excia. acredita em uma folha abolicionista. Passava descomposturas madonhas nos fazendeiros. Era uma das penas mais feroces do grupo em que andava metido. Lá pelo interior havia chor e ranger de dentes, quando chegava a pastera onde saíam seus escritos.

De repente, ninguém soube como foi, entrou u. excia. para o "Novidades", que era o órgão dos interesses dos labores, assustado com os progressos do abolicionismo. Que magníficos artigos largou também u. excia. em tal sentido, ainda que diametralmente oposto ao das suas primeiras idéias!

O Santos, um porduchu muito esperto que era o proprietário da folha, babasava-se de gosto com os triunfos de u. excia.

— Não há como este meu

Alcindo, disse-me ele muitas vezes, para escrever ao posto da gente! Isto não é um escritor, é uma máquina de argumentos e de tropos! Não o cedo por dinheiro nenhum...

Quando rebentou a abolição, u. excia. ainda estava com o "Novidades". Os vencedores organizaram préditos e outras festanças. A tudo isto assistiu u. excia., e por tal bem me lembra que foi censurado. Não por mim: desde então logo comprei admiraiveis dicituladas que é uma das felicidades notáveis da política moderna.

Conservador do grupo menos adiantado, secretário da autoridade até não a querer desacreditada na propriedade servil, u. excia. parecia incompatible com a República e suas agradecidas licenças; mas ainda mais uma vez deixou desmontadas as previsões dos que assim cogitavam, e, à rubra sua da sedição, pronunciamente deslocou o seu perfil entre os mais arrojados democratas.

Eu já o disse a torno a repeti-lo. Ex. Sr.: adoro a incerteza, a que se arrasta, como

o, como não há sol sem manchas, algumas se notaram, posso que pequeninas, no lum. nocto diaco de u. excia.

Assim foi que, quando mais endolorida estava a guerra civil no Rio Grande, u. excia. mandou para as folhas não sei se em Londres ou Paris, uma nota dizendo que no fronteira riograndense só havia sete mil homens, desanimados e maltrapilhos. E que objetaram os jornalistas sandeuks da decrepita Europa? Que, se assim era, triste figura estava fazendo o poder militar no Brasil, pois não conseguia desbaratar o movimento de pessoal tão dem nuto que mal daria para um regimento inglês... Que aborrecedimento!

Outro foi com a nomeação do nosso Barata para o lugar de prefeito. Lá pareceu exquisito que um médico fosse designado para o mais elevado tribunal do país: e u. excia. responder que não se tratava tal de "Barata", médico, e sim de Barradas, emerito fisconsul e equívoco telegráfico produziu

seu efeito; mas em breve chegou a confirmação da notícia, e então foi uma frota de meus pecados.

Agora se não sei onde está e o que faz u. excia. Disse, embora lá fora a luta caída em jorro, madea e estrepitosamente um canário desprotegido, bimbamba um sino toadas r' sonoras alegrias do ornato; nós cá ficamos vivendo deserte morrer aos poucos, sem tristezas e sem alegrias, contentes avanas de sofrer a dor, a grande, e desejada dor!

(Continua)

Contrario isto é que me insurjo, porque tem que ser por isso para a nossa causa. Se u. excia. já não está tão jacobino, é que o jacobinismo vai errando, o que é uma desgraça para as instituições.

Veja se fervora o nejôdo; mas, se realmente a República tem de sucumbir, não se ajuda u. excia. a acolhá é plaga hospitalar; nela constrói a miséria e manda, e aqui tenho lugar para mais de um refúgio.

De V. Sz.

simpático e amigo,

U. de A. (Carlos de Laet)?

# VITA BREVIS... - ARANHA MINOR (Alcindo Guanabara)

Quantas vezes não nos havia de viver nessa eterna e pitoresca viagem pelos planetas todos, aperfeiçoando-e sempre, fazendo-se bom, fazendo-se amável, fazendo-se puro! Tinha éstas na manifestação de sua doutrina: teve, aserto, a meditar na grandezza de se ideal que elevava o homem acima de toda a natureza, tornando-o imortal, perpetuando-o na vida, independente de tudo quanto aparentemente para ele correra.

Entretanto agora, agonizando, no que quisto plácido, confortável, olhos fechados na capa vermelha do cortinado, escravo inével, sob a voz longe de Belchior, encapuzado e perfumado, sentiu pingar-lhe na testa viscosa, como continha gota d'água, e amargurado beijo da morte, em lagrimas, o velho Belchior agarrou-se ferocemente à vida, o coração punzido por aquela necessidade irremediável de abandoná-la, imposta pela degeneração putrida dos pulmões em chaga. Pungia-o a morte sem nome de se crer já engolido volitil, partindo para sempre daquele corpo que alli estava, corpo que lhe pertencia, que ele manejara como instrumento, com que sentira todo o prazer e toda a dor, com que gozara todos os triunfos, padecera todas as deceções. Sentiu-se leve, fluido, imponderável, capaz de se elevar até a cúpula do cortinado que se conservava fixa, imóvel, no alto, vermelha como uma estrela longínqua que ele encarava como o novo mundo onde passaria a habitar, tão só, tão longe de tudo quanto ponteara de satisfação na sua longa, vida de cinquenta e seis anos!

Via morrer aos poucos, como se lhe fosse tristemente estranho, o proprio corpo, esfaimado e imóvel no velho leito da família; e, vendo-o, sentiu dentro de si aveludar, excessar o desespero impotente de não poder reanimá-lo, dar-lhe parte daquela vida que possuía, a que se

A morte era uma transição, doce e consoladora, desta vida de relago, infânia miserável, para a vida suprema de liberdade sem fim, cheia de gozo, em que pôda totalmente da contingência dessa malária, indigna de amor e piedade.

Viseu a morte! Desejava-a como quem deseja a liberdade, prédio, como quem pede um refúgio!

Era o livramento de seu espírito que pedia; era a farta duda que o levava de rolar de mundo em mundo pelo espaço azul:

— Virese a morte! Desejava-a como quem deseja a liberdade, prédio, como quem pede um refúgio!

Era o livramento de seu espírito que pedia; era a farta duda que o levava de rolar de mundo em mundo pelo espaço azul:

— Virese a morte! Desejava-a como quem deseja a liberdade, prédio, como quem pede um refúgio!

Era o livramento de seu espírito que pedia; era a farta duda que o levava de rolar de mundo em mundo pelo espaço azul:

— Virese a morte! Desejava-a como quem deseja a liberdade, prédio, como quem pede um refúgio!

Era o livramento de seu espírito que pedia; era a farta duda que o levava de rolar de mundo em mundo pelo espaço azul:

— Virese a morte! Desejava-a como quem deseja a liberdade, prédio, como quem pede um refúgio!

Era o livramento de seu espírito que pedia; era a farta duda que o levava de rolar de mundo em mundo pelo espaço azul:

— Virese a morte! Desejava-a como quem deseja a liberdade, prédio, como quem pede um refúgio!

Era o livramento de seu espírito que pedia; era a farta duda que o levava de rolar de mundo em mundo pelo espaço azul:

— Virese a morte! Desejava-a como quem deseja a liberdade, prédio, como quem pede um refúgio!

Era o livramento de seu espírito que pedia; era a farta duda que o levava de rolar de mundo em mundo pelo espaço azul:

— Virese a morte! Desejava-a como quem deseja a liberdade, prédio, como quem pede um refúgio!

Era o livramento de seu espírito que pedia; era a farta duda que o levava de rolar de mundo em mundo pelo espaço azul:

— Virese a morte! Desejava-a como quem deseja a liberdade, prédio, como quem pede um refúgio!

## Depois da Abolição - Alcindo Guanabara

Este artigo vem retardado de dois dias o que, para o momento de excepcional celeridade que atravessamos, é uma forma respeitável. Mas para isso houve um motivo podar o Novidades não foi publicado ontem, nem ante-ontem. E' pois, agora a primeira vez que falamos depois da abolição; e o motivo é que fazemos, quando toda a imprensa se congrega para realizar festes que comemoram o advento da liberdade.

Outra tivemos sido a nossa posição como jornalista em face desta lei e do governo que a promoveu e nada teríamos a dizer depois da distinção conferida a esta folha, na pessoa de seu redator-chefe, nomeado membro da comissão executiva da imprensa. Mas nos fomos o jornalista que mais veementemente combateu a lei que acabou de ser assinada; e a posição tomada em todos os nossos ilustres colegas nos coloca na contingência de expor a nossa situação no dia seguinte ao da sua passagem para que nos não venha ferir a pecha do leviano e inconveniente.

Nós não podemos aplaudir a lei que acaba de ser assinada, não pelo fato que ela consigne, mas pela maneira por que ela é dada a ser consignada. Neste momento, porém, já se não tratam dos meios por que a abolição deve ser feita — e isto é que era o motivo da divergência! — visto que estamos diante do fato consumado. O princípio que desse fato decorre, o reconhecimento da liberdade humana, este sempre o amamos, sempre o defendemos, sempre lhe dedicamos todo o vigor e toda a energia de nossa alma.

O que a imprensa soleniza não é, nem pode ser a precipitação dos meios postos em ação para se atingir este ideal, mas pura e simplesmente o ideal mesmo, o fato exclusivo de haverem entrado, para a comunhão dos livres, centenas de homens.

Nós gostamos boa parte da nossa atividade fazendo sentir que a abolição radical devia trazer consequências funestíssimas ao país; e agora que ela está feita pelo pior das modais, — seremos talvez o único jornalista que assim pensa! — mas pensamos que essas consequências serão inevitáveis e fatais.

Esta luta de abolição deixou em ambos os terrenos muitos feridos. Nós somos um deles. Mas declaramos que nos levantamos no dia seguinte ao de sua passagem sem ressentimento e sem ódios, esquecendo todas as ofensas recebidas, todas as injúrias tragadas, todos os desventos que nos vieram. E o fazemos porque estamos convencidos de que devemos contribuir para que não venha amargurado de mals o período que segue.

Nos cremos que passados os primeiros entusiasmos cada um de nos tem de agarrar as mãos e preparar para novas jornadas em campos necessariamente oportos mas desta vez para atacar ou para impedir as consequências forçadas do passo dado ontem. E antes de quem quer que seja é à imprensa que cabe esta atitude de defensora da tranquilidade e da vida da nação.

Se pudermos falar estas previsões lugubres, se podemos reclamar para nós também uma coparticipação no epítafio que o sr. barão de Cotegipe reclama para a sua lousa, tanto melhor para nos todos, tanto melhor para a nossa pátria! Desejamo-lo ardentes, pedimos com todas as veias d'alma que nos aí daqui registrar numa retratagem solene que fomos um fantasma lírico, um sentimentalista vulgar. Mas essa é hoje a nossa condição íntima e devemos declará-la, no dia seguinte ao em que se arsim a lei que combatemos na medida de nossas forças.

Ninguém de certo se apercbeu de situação em que nos achamos. Hoje, porém, não temos escrúpulos em cooperar para que as consequências da abolição imediata sejam festas e flores. Muito ao contrário, entendemos (e isso mesmo dissemos ante-ontem) num artigo em que referímos a impressão que este movimento dava ao ter causado ao espírito do imperador) que deve: dos que a combatem era precisamente envidar esforços para atenuar os males que dali nos supomos que advirão.

A Abolição é, hoje, lei do Estado: só temos que obedecer-lhe e respeitá-la; mas se nos é dado contabilizar para que as suas consequências derinem das calamidades sociais que preventas para as alegrias sociais que desejamos, por que razão nos invemos de negar? As crises econômicas, essas são fatais e estão scima de todo o esforço humano.

Bastem-nos estas! Empenhemos todos os esforços que estiverem a nosso alcance para que o Brasil progreda em paz, na confraternização geral de todos os corações.

A nossa adesão à comemoração da liberdade está, pola claramente definida nestes termos.

(Novidades, de 15-5-1888.)

momento, quando o padre se ajoelhava junto ao leito implorando por ele, apartava-lhe o que lhe vinham ao espírito, açoitava, confriangia-o, embarrancando-lhe os olhos, pingando-lhe no espírito o soro corrosivo do cadáver, ansiava-o, enchiá-lo de uma saudade sem remédio por um prazer absolutamente perdido. Quanto o feria agora, essa verdade de que tanto se compadeceria; que tanta antipatia lhe dera; essa verdade de que a vida não findava e que esse fuso transitoriamente na terra que para ele foi de mais de mês de velho, era um castigo, uma crovaca, nuda apetida, nata dura de amar! Como lhe evitava partir, opresso sob este fuso de recordações, juntando a sanduíche sem termo das bolhas da carne, das caricias do filho, dos deliciosos peccados de outrora, das suas próprias dores das suas mesmas tormentas! Como lhe doia ter, doravante, nessa peregrinação infinita do espírito, de viver rascando o próprio peito para absorver a dor amargura do que lhe estava para sempre guardado e que fora o que de mais caro lheiva na vida!

E por um supremo esforço, recusando-se obstinadamente a essa morte que se impunha, arriscava, sentindo extenderem-se convulsões os membros e percebendo o seu próprio espírito, horrorizado, afundar-se submerso, precipitá-lo na margem pavurosa do espaço que lhe sugava o sangue num gorgulhar selvagem e estremecia-lhe a carne no meio de gritos lancinantes, suspiros dolorosos, prantos sem lim, e vozes rouquenas de padres murmurando contritos e ultimo e supremo requiebros: "In pace..."

(Novidades, de 20-3-1888.)

## A PRESIDÊNCIA CAMPOS SALES

### POLÍTICA E FINANÇAS

1898-1902

Alcindo Guanabara  
Editor  
A. Guanabara & Cia.  
Casa Editorial Guanabara  
1892

# O JORNAL — Míndo Guanabara

O prelo completou a cruz. A moral nova, a cuja influência a humanidade renasce, não se perdeu, não se infiltra, não se dezelou, não veio males e maldades, sendo por efeito da liberdade. E' grata a elas que o povoamento se liberta, que o esplendor se emancipa de preconceitos, que a tradição se exponha e se selecione, que a prepotente cognição se atenua e que o livre exame surge, como oloroso e fundamento de uma nova moral social. O cristianismo transformou a humanidade em vista de uma vida futura; é a liberdade que permitiu que ela assumisse a transformação, a liberdade na vida terrena. A luta que a Alemanha assim acendeu, iluminou todos os desvios do passado e iluminou todos os arcanos do futuro; suprimiu o temor e a distância; aproximou as terras e as gentes; e, ardendo, sem se consumir, estimula a ciência, incita a arte, protege e resguarda as religiões e é o polodium da liberdade! Não foi sem razão que o nosso romântico Castro Alves declamou, um dia, que, quando ela surgiu... os países se abraçaram! O norte ouviu, chorando, e soluçou! Ido na!

E' a sua sombra fecunda que os agrupamentos humanos crescem e se desenvolvem, aqüirindo a consciência, a dignidade e a liberdade, que os elevam à categoria de nações. Verdes, na história a força formidável desse instrumento de luta. Ele cria, defende, impõe, preserva a liberdade de consciência. Livro, dissemina idéias, divulga nos, dispersa conhecimentos dijista os horizontes do espírito, gera a fome de liberdade. Panfleto, distilla fel e veneno, fulmina a tirania com o sarcasmo, travassou com o florete, o corpo dos despotas. E, porém, o jornal a expressão completa do seu triunfo. O panfleto, chancelingo anônimo, é ainda uma armá de rebeldia; o jornal só vive numa atmosfera de liberdade. Mesmo nos países ainda desfechos pelo fogo interior, em ruínas crastis e não fez a consolidação dos regimes de liberdade, as erupções da tirania se acenham pela perseguição, pela suspensão, pela eliminação dos jornais livres. Também se vêem as faces dos deuses, para se praticarem os suplícios cruéis! Pois, porém, devemecer-se as borreiras políticas, a livre imprensa ede, como os salgueiros à violência do tufano, mas não se amiquia! entra, nos dias limpos que se seguem, a luta para fazer cada vez mais ricos os calcetismos. A liberdade é árvore de trato tão difícil, que muitos são chamados a sofrer por seu cultivo, antes que se fara frondosa. Onde, porém, foi possível o aparecimento de um livre jornal, em que alguém escreva, por sua própria inspiração pessoal, ai podem os povos solenizar uma vi-

## JULGAMENTO DE GONÇALVES DIAS

Alcindo Guanabara

O Maranhão pagou hoje ao seu glorioso filho uma velha dívida, dívida que, aliás, não é dele: é de todo o Brasil. Quando Gonçalves Dias viveu, esse sentimento rebuscado e artifical, esse nobíssimo que nasceu das militâncias políticas e está ameaçando envolver a sociedade, em virtude do qual se anda por si a apagarem a pátria pequena, não tinha ainda, a aparecido: ele era brasileiro, ele amava e cantava o Brasil, e todo o Brasil o quer e o reconhece bem seu. Longe, no exílio, a canção, que escrevia, não cantava nada de peculiar ou local do Maranhão, onde vira a luz do dia. Nada do assunto nem da sua voz que ele falou...

Gonçalves Dias já não pode ser discutido ou avaliado: tem nesse a consagração máxima que um povo pode dar ao seu poeta nacional. Certamente. Não temos tristes heróis, nem temos em nossa vida esse herói numérica feita excepcional, de grande intensidade trágica ou épica: todos os poemas heróicos em que se cantaram, como extraordinários feitos, episódios comuns à descrição da conquista, nunca passaram, por isso mesmo, no restrito campo literário. Tudo que nos podia interessar era a descrição da natureza evocada que nos cercava e não deslumbrava ou a alegria subjetiva da imprensa que recusava, ora imbecilica e maria, ora alegre e viva. Gonçalves Dias sentia assim como o povo e assim sentia-nos: não em suas composições, ora imbecilica e maria, ora alegre e viva. Gonçalves Dias sentia assim como o povo e assim sentia-nos: não de retumbado, nada de artificial, nada de falso: era a sua própria e sincera impressão que ele comunicava em verso; e é por isso que eu posso dizer dele, assentando de incorreto em excomunhão maior, que prestamos honra a homenagem devoi — ao nosso poeta nacional.

(Pangloss. "O País" — 3-11-1943)

## Bibliografia de Alcindo Guanabara

— Amor, novela, que começou a publicar em "A Vida Moderna" — 1886.

— História da Revolução de 6 de Setembro de 1893 — 260 páginas. — Tip. e Pap. Montalvane — Rio — 1894. Este livro apareceu primeiro no "Comércio de S. Paulo". Foi publicado sem nome de autor.

— O Acre. O direito da Bolívia — 218 págs. Tip. do "Jornal do Comércio" — Rio — 1903.

— A presidência Campos Salles — 1898-1902 — 517 págs. — Loewenthal & Cia. — Rio — 1902.

— A Dor, conferência literária, círculada em 9 de setembro de 1905 no salão do Instituto — (1898-1902) — 517 págs. — Estabelecimento Gráfico Leon de Rennes & Cia. — Rio — 1905.

— Serviço Militar, discurso proferido na sessão de 10 de outubro de 1906, na Câmara dos Deputados — 75 págs. — Imprensa Nacional — Rio — 1906.

— Caixa de Conversão, discurso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Pela infância abandonada e delinqüente no Distrito Federal — 82 págs. — Tip. do "Jornal do Comércio" — Rio — 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Pela infância abandonada e delinqüente no Distrito Federal — 82 págs. — Tip. do "Jornal do Comércio" — Rio — 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

— Caixa de Conversão, dis-

cuso proferido na sessão de 28 de 1917.

# UM DEPOIMENTO SOBRE ALCINDO GUANABARA Machado de Assis num discurso de Alcindo Guanabara, na Câmara dos Deputados

Era no tempo de "A Imprensa", em calada a rua da Assembleia, onde hoje a Light tem uma de suas agências. No governo da República Nilo Peçanha, Alcindo, senador, dividia o gabinete com o presidente entre a Casa Maltês do Parlamento e o seu jornal. Esbanjava talento e era proeminente em se tratando de discurso. Não obstante, o jornal via uma ligeira de insolvência dificultadas financeiras, e por que se atrasassem os pagamentos, em pouco, a redação constava numa justa apena de redatores, e reporteres, todos dedicados ao Mestre.

Encerradas as sessões do Senado, Alcindo ia ao Catete palestrar com o estadista fluminense e de lá rumava para a redação, quando chegava no acender das luzes, à hora em que o labor nas oficinas se iniciava. O principal estava ainda por fazer. Sozinho, o noteliário de encher páginas, fora mandado à voracidade das linotipos. Faltavam os comentários, os tópicos, a "cabeca" das Sociais. Então, o homem prodígio, a quem o secretariado pusera ao corrente da situação, chaminava três redatores, dispunha-os em outras tantas mesas e passavam, de um lado para outro, coifando no queixo a barba rala, ditava simultaneamente um tópico, um comentário político e a crônica elegante, leve, util e literária que antecedeu as notícias dos acontecimentos sociais! Essa tarefa gigantesca era repetida sempre que se fazia necessário.

Terminado o ditado triplice por uma, duas e mais vezes, trocava ideias com o secretário do jornal e saía para o jantar. Regressava sistematicamente entre uma e duas horas da manhã. Vinha escrever o artigo de fundo. Escrever não é bem o termo; vinha higrografar o artigo de fundo. O paginador, com o jornal já pronto, aguardava-o no seu gabinete de diretor. E a proporcional que ele ia encenando as laudas com pausinhos horizontais, verticais, perpendiculars, entremeados de triângulos, signos de Salomão e círculos de todos os feitos, tudo quase que microscópico e vertiginosamente grafado, o chefe das oficinas ia-lhe levando e entregando ao linotípista que, já cansado, não perdia muito tempo em decifrar aquela escrita digna de um Champion. E a tragedia se espalhava, enfim, na revisão.

Ali os originais passavam de mão em mão, ilegíveis, com a interrogação angustiosa:

— Que lés aqui?

— Onde?

Todas as palavras circulavam.

O revisor, solicitado pelo infeliz companheiro de torturas, tomava a tira "escrita" e mergulhava nela os olhos perquiridores. Outros cercavam-no. Seis, oito, dez olhos demoravam-se naquela impossível adivinhação. O tempo corria. Na oficina, esperava-se impacientemente a prova revista. O paginador mandava recados ao chefe da revisão. E esse também incapaz de decifrar as palavras resolvia, em extremis, mandar ao homem que rabiscava aquilo.

Já vos disse senhores: não fantasia; deponho. Coube a mim variar vezes ir ao homem, uma de suas agências. No governo de República Nilo Peçanha, Alcindo, senador, dividia o gabinete com o presidente entre a Casa Maltês do Parlamento e o seu jornal. Esbanjava talento e era proeminente em se tratando de discurso. Não obstante, o jornal via uma ligeira de insolvência dificultadas financeiras, e por que se atrasassem os pagamentos, em pouco, a redação constava numa justa apena de redatores, e reporteres, todos dedicados ao Mestre.

— Dr. Alcindo, da licença?

— Entre. Que há?

— Não conseguimos ler estas palavras que estão circuladas.

— Deixe ver, deixe ver.

Entretinha o busto, ajetava os óculos, tomava o original, rabiscava a barba saia-ha no queixo e ao cabo de dois minutos dizia:

— Também não leio. Ponha aí uma palavra que dê sentido.

Também ele não lia, senhor? E todos as noites a mesma tragédia se repetia. Certa vez,

um linotípista que chegava às

dúas horas da manhã com uma

tarefa de apenas 200 linhas,

desesperado pelo insucesso da

queila noite de trabalho, na posse

de cias tiras escritas pelo

mestre e não conseguindo ler as

palavras que as enchiham amar-

rotou-as, ergueu-se da máquina

e as depositou em lugar de onde

elas foram levadas à rede de es-

gotos. As duas laudas eram,

precisamente, o meio do artigo.

Impossível recompor-las. Alcín-

do, naquela noite, mal secaava

de garinchar o artigo, retira-

-se. E "A Imprensa" circulou

sem artigo de fundo.

Depois desse acontecimento, glosado em todas as oficinas de jornais e que valeu ao linotípista, no seu meio, uma larga no-

riodade, ele passou a ditar o

seu artigo. Dita-a à noite, como dita-via no correr da noite

os tópicos, os comentários, a

crônica elegante.

**Mario Hora**  
(Jornal do Comércio, 13-8-1939).

## ALCINDO GUANABA-RA NA ACADEMIA

Alcindo Guanabara foi um dos fundadores da Academia Brasileira de Letras. Criada a cadeira n.º 19, que tem como patrono Joaquim Caetano.

Foi substituído por D. Silvério Gomes Pimenta, arcebispo de Mariana, o qual por sua morte, em 1922, foi substituído pelo sr. Gustavo Barroso.

## PSEUDONIMOS DE ALCINDO GUANA-BARA

Alcindo Guanabara usou os seguintes pseudônimos — entre provavelmente muitos outros que desconhecemos:

— Aranha Minor (na Gaze-  
ta da Tarde, nas Novidades),

— Nestor (nas "Novidades"),  
— Marielo (nas "Novidades"), em "A Universal".

— Diabo Coro (nas "Novi-  
dades"), em "A Universal".

— Melisto (nas "Novidades"),  
— Scapin (na Semana),

— Pangloss (no "Dia" em "O  
País").

O sr. Alcindo Guanabara — Temos, sr. presidente, as assembleias políticas uma função não escrita nas leis, uma função não explicita nos costumes institucionais, mas que, nem por isso, lhes compete menos — a função de conservarem, resguardarem ou acentuarem o grau da cultura da sociedade de que dimensionam e sobre que agem. É um exercício dessa função que venho convidar a Câmara dos deputados, propondo que se amplie a homenagem de voto de pesar que consta da ata que se acaba de ler e foi nela restituído, pela morte de Machado de Assis, designando a Câmara uma Comissão de seu selo para representá-la nos funerais do ilustre pensador brasileiro.

Não é certamente excessiva essa homenagem. O Brasil inteiro orgulha-se de ter produzido o grande espírito que se acaba de extinguir (Muito bem) e a Câmara é bem a representante do Brasil inteiro. Acentuando o seu respeito e a sua veneração por essa entidade singular no campo de ação em que se moveu, dá à Câmara testemunho de que o país venera os que representam a sua alta intelectualidade e rende o devido preito de gratidão aos que lhe encerram a cultura. Machado de Assis sintetiza completa e admiravelmente o nosso grau de cultura mental. Ele é o chefe superior e incontestado da nossa literatura. Direi mais: ele parece a expressão única da literatura brasileira, sob este aspecto, da nacionalidade — palmeira solitária no meio do oasis! (Muito bem).

Ninguem, como ele, afirmou, na obra literária, a sua individualidade e a nossa nacionalidade. Antes dele, contemporaneamente com ele, Gonçalves Dias e José de Alencar, de quem, aliás, ele mesmo dizia que encarnou, como ninguém, a alma brasileira, falava do Brasil mas do Brasil que nos não conhecemos, de um Brasil pré-histórico, do Brasil dos selvagens romântizados e poétizados, que é para nós outros, quase um Brasil de ficção. O seu campo de atividade foi a sociedade em que vivemos. Não tinha imaginação, ou não se servia dela: falava como filósofo, como ancião, como crítico.

Assim, a sua ação é dupla: mental e social. Por outra: a sua atividade literária teve sempre reflexo na atividade social. Ele era um calmo, um retrairdo um timido, e, não obstante, foi considerável e intensa a sua influência sobre as classes cultas da sociedade. De fato, basta percorrer as obras que deixou, para se sentir que nenhum fenômeno social se produziu sem que para ele o artista houvesse contribuído, direta ou indiretamente nos seus personagens; na crônica ou no romance: ativamente pela propaganda, escabecada nos seus personagens, massivamente, pela crítica ironizante.

O que está bem patente nos livros de quantos tem comentado essa tragédia é que o tipo de Hamlet é precisamente esse nebuloso, incompreensível, cheio de treva e dúvida, mas profundamente, verdadeiramente humano. Dizendo-o, eu não fiz mais que repetir os comentadores que se acham agora e, quando menos, o esperavam, em frente: da competente opinião de meu honrado contraditor, o sr. dr. V. Magalhães, a quem peço desculpa por esta estopada que lhe proporcionei, esquecido de que sou um dos nulos da nossa imprensa diária. Praza aos céus que valha ao menos a intenção com que isso foi escrito!

ca, que lhe era peculiar. Tinha um estilo seu, próprio, singular, único na nossa e, quizá, em algumas línguas. Não sei se direi de nulas, dizendo que tinha ou que fizera, uma língua nova, que novo ou, pelo menos, inconcebível, era o português que tralhava. Era um irônico, de uma ironia que nadava, nem se parecia, com o espírito dos franceses nem o humor dos ingleses: uma ironia que superava a de Sterne ou de Xavier de Maistre e dir-se-lhe filha de Anatole France, se o não houvera precedido. Original e único era um filósofo, um comentador, um crítico e um analista — analisação das colas e dos homens, das almas e dos costumes, dos indivíduos e do meio, das paixões grandes e das pequenas viciosa. Não tinha o sarcasmo deslavado, mas um doce e benéfico ceticismo. Era um anotador, comentando a situação, os costumes e as idéias, aplaudindo ou combatendo com bondade, sublinhando o rival com o sorriso. Tinha também as grandes paixões, mas revelava-as com uma inexcedível suavidade de forma.

Era um liberal. Não amava a política, que o não fizera Deus mesmo conta como entrou para a imprensa em 1860. Ao sair do Provisório, indo tomar chás num restaurante da rua dos Latoeiros, Quintino Bocayuva sondou-o sobre política, coisa de que nunca haviam falado. Daí da sequente, era convidado para trabalhar no Diário do Rio, que se fundava sob a direção de Saldanha Marinho, redigido por Quintino. Era a idade de ouro da imprensa fluminense: Saldanha Marinho, Quintino Bocayuva, Bernardo Guimarães e Pedro Luiz...

O sr. Rodrigues Peixoto — E Octaviano.

O sr. Alcindo Guanabara — Octaviano e outros... Era o tempo dos grandes nomes e das grandes lutas. Sentia-se o rumor das águas que se avolumavam e vieram submergir o Império. E curioso ver em uma crônica, página duodécima de natureza, que Machado de Assis escreveu trinta anos depois a impressão de respeito diante desses homens que fizeram a história dos primeiros dias de vida do Império, no seio dos quais se destacava a figura de Montezuma, ainda com o prestígio de ator de 1872; era a impressão do artista diante dos que mantinham a linha da oratória tremenda do primeiro Rio Branco, falando oito horas a fio em defesa da missão de 1851. A política, propriamente, não o impressionava: interessava-nos a idéia, o quadro e o ator. Mas a sua entrada na imprensa entre esses dois polos — Saldanha Marinho e Quintino Bocayuva — mostra bem o seu artista; e, depois, toda a sua obra revela-o um liberal.

Era um panteísta: adorava a Natureza. Adorava e temia-a. Reside talvez nesse temor que lhe causava o espetáculo da força invencível da natureza, a causa indefinida da sua timidez.

Na mesma força, confundia-se para elas o bem e o mal, a vida e a morte. Por isso, amava e temia a força universal.

"Sei de uma criatura antiga e forte" (Imediate). Que a si mesma devora os membros. Isto é, se entra em luta. Com a sofreguidão da torme invadida (vel.).

Ama de igual amor o poluto e o impuro. Começa e recomeca uma perpetua (vel.).

E sorrindo, obedece ao divino estatuto. Tu dirás que é a Morte, eu direi que é a Vida".

Era um afetivo. Esse Memorial de Ayres, livro ainda publicado neste mês e que lhe premeu a vida, como se só vivisse para acabá-lo, é um diuturno livro de amor, é o monumento à memória da que lhe foi a companheira na morte. Não acha de melhor tarefa na vida, que essa de amar:

"E amar a ser amado é, neste mundo, a tarefa melhor da nossa vida. São cheia de outras, que não tem grandeza.

Esse coração de ouro, e o espírito de cristal desapareceu. Rendendo-lhe, neste momento, um preito pessoal de estima de admiração e do respeito que sempre nutri por ele, desde que, ainda adolescente, o conheci, sofrendo como ele disse de si em relação a Alencar, a admirava. Releve-me a Câmara o que de pessoal parece haver nessa homenagem. No fundo, esse preito, não rendo eu só; senão todos os que nesta terra temem cultivo, e conhecem a arte e a amar.

Por isso mesmo, confio em que a Câmara renderá aos restos mortais de Machado de Assis a homenagem que dela solicito. Não a solicito por ele: sim pelo país. Sei pelos seus personagens, o que ele pensava das homenagens "post-mortem" e do que lhe para o cemitério. "Teve — põe ele na boca de um dos seus heróis, teve a morte vagarosa, a morte de um víbora filtrado, que sal impuro de uma garrafa para entrar no cérebro da morte: a morte iria para o cemitério". Não vale a pena mudar que cemitério. Naquela crônica de memórias de trinta anos passados, falava-nos de um personagem da casaca de seda preta, calção e meias de seda e sapato de fielva. Era um longo e infinito corredor: escuro e desparecia num cemitério — que não valia a pena de indicar qual fosse porque "todos os cemitérios se parecem!"

Empenhamo-nos, senhores, por desmentir esta assertão no que lhe respeita! Empenhamo-nos para que o cemitério em que se vão recolher os restos mortais de Machado de Assis não se pareça com nenhum outro, concentrando-se nele o pensamento brasileiro para render a homenagem de sua veneração à mais alta expressão que teve nesta terra! Empenhamo-nos para que o Brasil esteja nessa solene homenagem a sua própria glória, o próprio desvanecimento de constituir um meio capaz de permitir a elevação de um espírito, suportado por tantas faces, como o de Machado de Assis!

Dante da estátua de José de Alencar, que ele inaugurava, Machado de Assis disse: "Concluindo o livro de Iracema, estreou Alencar estas palavras melancólicas: 'A jandala cantava ainda no olho do coqueiro, mas não repetia já o mavioso nome de Iracema. Tudo passava sobre a terra'". "Senhores, a filosofia do livro não podia ser outra, mas a posterioridade é aquela jandala que não deixa o coqueiro e que, ao contrário da que emudecerá na novela, repetiu e repitiu o nome da linda tabajara e do seu imortal cantor".

Senhores, confirmemos esta palavra. Nem todo passa sobre a terra! A memória de Machado de Assis não passará: permanecerá fiel e firme e brilhante, honrando-nos e distinguindo-nos e elevando-nos. Correspondamos a esse favor rendendo a esse grande espírito a homenagem que o Brasil lhe deve e que não, que, representamos o Brasil, lhe não podemos negar.

Senhores, nem todos os cemitérios se parecem! Nem todo passa sobre a terra! (Muito bem, muito bem, o orador é vivamente cumprimentado).

## A propósito de Shakespeare

(Continuação da pág. 38)

uma ilusão; que chega a usar de má fé quando atribui sentimento que não possui; é um tipo sem força de vontade que constantemente faz projetos, jamais executados. Vive gastando-se, roldo pelo próprio peso em que está de tal sorte mergulhado, que não lhe resta mais que a indiferença e o desdém para todos, até para Ophelia, a sua noiva, a mulher que ama e cujo amor solicita.

Schlegel define o caráter de Hamlet nessa frase: Hamlet n'aucune foi assuré, il doute de lui même et de tout dans l'univers. Tem uma tempestade n'alma, uma desordem no espírito. Para fingir a loucura não faz mal de querer a sua opinião sobre tudo e sobre todos, sublinhando-a com seu enorme espírito, porque, como disse Goethe "Hamlet" é o tipo de um princípio de variedade e funda instrução. Nada, pois, é menos definido, menos acentuado, menos explícito que o caráter de Hamlet que, contudo, nada seja mais humano.

(Novidades de 2-8-1887).

# GALERIA DE ARTE Um poema de Paul Eluard



N. 6 — Candido Portinari — "Os Ganchos"

## O VIOLINO DA MORTA

*Eu passo horas inteiras evocando  
Os soluços plangentes de um violino,  
Umas vezes gemendo, outras chorando,  
O doloroso poema do destino.*

*A alma que te tangia, enamorada,  
Como um cisne morrendo num harpejo;  
A alma que te tangia, enamorada,  
Subiu ao céu, na redenção de um beijo.*

*Numa manhã de sonho e de quimera  
Dedilhando a harpa de ouro da alegria,  
Ante o sorriso em flor da primavera,  
Como um sol que se apaga, ela morria.*

*Aureolada de lírios e de rosas  
Como Cristo aureolado de esplendores,  
No alvo leito de rendas vaporosas,  
A irmã da luz, das aves e das flores.*

*Olhos fechados, muda, imota e fria,  
Mãos de névoa cruzadas sobre o peito,  
Dava a idéia de um anjo que dormia  
Entre as nuvens de tule do seu leito.*

*Sob os bençãos da noite que se estrela,  
Eu ouço em cada causa a voz de um hino,  
— E' a branca, é a suave, é a doce imagem dela,  
Ao luar, tangendo as cordas de um violino.*

LAURINDO DE BRITO

Um patético documento da poesia francesa de hoje é o poema de Paul Eluard, publicado em Alger, no número de junho de 1942 da revista "Fontaine", e transcrito no número de 15 de setembro de 1942 da revista "La France Libre", de Londres. Nele, o grande poeta suprarealista francês, conservando os elementos essenciais do seu brilhante, dirige uma invocação dramática à liberdade, que é hoje "o único pensamento" de todas as almas do seu país. Damas abraço o texto original, com a tradução que dele fizeram Manuel Bandeira e Carlos Drumond de Andrade:

### UNE SEULE PENSEE

*Sur mes cahiers d'écolier  
Sur mon pupitre et les arbres  
Sur le tableau sur la neige  
J'écris ton nom*

*Sur toutes les pages juives  
Sur toutes les pages blanches  
Pierre sang papier ou cendre  
J'écris ton nom*

*Sur les images dorées  
Sur les armes des guerriers  
Sur la couronne des rois  
J'écris ton nom*

*Sur la jungle et le désert  
Sur les nids sur les grottes  
Sur l'écho de mon enfance  
J'écris ton nom*

*Sur les merveilles des nuits  
Sur le pain blanc des journées  
Sur les saisons fiancées  
J'écris ton nom*

*Sur tous mes chiffons d'azur  
Sur l'étoile soleil moi  
Sur le lac lune vivante  
J'écris ton nom*

*Sur les champs sur l'horizon  
Sur les ailes des oiseaux  
Et sur le moulin des ombres  
J'écris ton nom*

*Sur chaque bouffée d'aurore  
Sur la mer sur les bateaux  
Sur la montagne clemente  
J'écris ton nom*

*Sur la mousse des nuages  
Sur les sueurs de l'orage  
Sur la pluie épaisse et lâche  
J'écris ton nom*

*Sur les formes scintillantes  
Sur les cloches des couleurs  
Sur la vérité physique  
J'écris ton nom*

*Sur les sentiers éveillés  
Sur les routes déployées  
Sur les places qui débordent  
J'écris ton nom*

*Sur la lampe qui s'allume  
Sur la lampe qui s'éteint  
Sur mes maisons réunies  
J'écris ton nom*

*Sur le fruit coupé en deux  
Du miroir et de ma chambre  
Sur mon lit coquille vide  
J'écris ton nom*

*Sur mon chien gourmand et tendre  
Sur ses oreilles dressées  
Sur sa patte maladroite  
J'écris ton nom*

*Sur le tremplin de ma porte  
Sur les objets familiers  
Sur le fil du feu bénit  
J'écris ton nom*

*Sur toute chair accordée  
Sur le front de mes amis  
Sur chaque main qui se tend  
J'écris ton nom*

*Sur la vitre des surprises  
Sur les lèvres attentives  
Bem au-dessus do silence  
J'écris ton nom*

*Sur mes refuges détruits  
Sur mes phares érouvés  
Sur les murs de mon ennui  
J'écris ton nom*

*Sur l'absence sans déstra  
Sur la solitude nue  
Sur les marches de la mort  
J'écris ton nom*

*Sur la santé et venue  
Sur le risque disparu  
Sur l'espoir sans souvenirs  
J'écris ton nom*

*Et par le pouvoir d'un mot  
Je recommande ma vie  
Je suis né pour te connaître  
Pour te nommer*

Liberdade

### UM ÚNICO PENSAMENTO

*Nos meus cadernos de escola  
Nesta carteira nas árvores  
Nos arias e na neve  
Escrevo teu nome*

*Em toda página lida  
Em toda página branca  
Pedra sanguineo papel cinza  
Escrevo teu nome*

*Nas imagens redondas  
Na armadura dos guerreiros  
E na coroa dos reis  
Escrevo teu nome*

*Nas jungles e no deserto  
Nos ninhos e nas grotas  
No eco da minha infância  
Escrevo teu nome*

*Nas maravilhas das noites  
No pão branco da alvorada  
Nas estações enlaçadas  
Escrevo teu nome*

*Nos meus farrapos de azul  
No tanque sol que molhou  
No lago luna vivendo  
Escrevo teu nome*

*Nas campinas no horizonte  
Nas asas dos passarinhos  
E no moimbo das sombras  
Escrevo teu nome*

*Em cada sopro de aurora  
Na água do mar nos navios  
Na serrania demente  
Escrevo teu nome*

*Até na espuma das nuvens  
No suor das tempestades  
Na chuva insípida e espessa  
Escrevo teu nome*

*Nas formas resplandecentes  
Nos sinos das sete cores  
E na sínica verdade  
Escrevo teu nome*

*Nas veredas acordadas  
E nos caminhos abertos  
Nas praias que regorgitam  
Escrevo teu nome*

*Na lâmpada que se acende  
Na lâmpada que se apaga  
Em minhas casas reunidas  
Escrevo teu nome*

*No fruto partido em dois  
De meu espelho e meu quarto  
Na cama concha vacia  
Escrevo teu nome*

*Em meu chão guloso e meloso  
Em suas orelhas fitas  
Em sua pata canhestra  
Escrevo teu nome*

*No trampolim desta porta  
Nos objetos familiares  
Na lingua do topo pure  
Escrevo teu nome*

*Em toda carne possuída  
Na frente de meus amigos  
Em cães não que se entendem  
Escrevo teu nome*

*Na vidraça das surpresas  
Nos lábios que estão atentos  
Bem acima do silêncio  
Escrevo teu nome*

*Em meus refúgios destruídos  
Em meus faróis desabados  
Nas paredes do meu tédio  
Escrevo teu nome*

*Na auréola sem mais desejos  
Na solidão despolada  
E nas escadas da morte  
Escrevo teu nome*

*No saudor recobrado  
No perigo distinto  
Na esperança sem memórias  
Escrevo teu nome*

*E ao poder de uma palavra  
Recomeço minha vida  
Nasci pra te conhecer  
E te chamar*

Liberdade

# Ignoradas influências na poesia brasileira - Mondello

O nome do poeta piauiense Da Costa e Silva consolida-se em todo o Brasil, numa lenda de glória repentina, através de uma lenda que figura em quase todas as nossas encyclopedias modernas e que se acha reproduzida, em uma intensidade de revistas, jornais, atléticos e anúncios, além de andar de cor na lembrança de multidões. Trata-se daquela

"Saudade! Olhar de minha mãe rezando  
E o pranto jinto deslizando um rio...  
Saudade! Amor da minha terra... O Rio  
Com rios de águas claras soluçando.

Nostalgia de Junho... O cabore com frio,  
A mar, sob o arvoredo, plendo, plondo...  
E, no vento, as folhas hirtas cantando  
A bondade imortal de um sol de estio.

Saudade! Asa de dor do Pensamento!  
Criminosos vatos do camavais ao vento...  
As mortalhas da nevea sobre a serra...

Saudade! O Parnába, — velho monge  
A barbas brancas alongando... E, no longe,  
O medido dos bosques de minha terra..."

Já foi apontada a semelhança desse soneto de Da Costa e Silva com outro de Maranhão Sobrinho, que figura na coletânea intitulada "Panéis Velhos", vindos a lume pelas alturas de 1909:

"Saudade! O sol a se esconder. O gado  
descendo a serra, longe, entre magoados  
tristes a voz do cõrrego anulado,  
enchendo a branca tarde de gemidos!

Saudade! Eu pequenino. O olhar sagrado  
de minha irma contando aos meus  
ouvidos a história de algum Rei Mouro

Lenceantado  
A voz das rolas das sertões perdidos...

O velho apendre, à manha claridade  
do lar, como um sonho, despontando  
entre as saudosas arvores! Saudade...

A mão da-lua as queixas desfendo  
e minha mãe, branquinha de piedade,  
diante do altar do Bom Jesus rezava-o..."

Do cotejo dos dois sonetos ressalta, nítida, a conclusão de que um deles influenciou ao outro, tão semelhantes são essência e forma de ambas as poesias. Distingue entre elas qual foi o influenciado, não é tarefa muito fácil, porque tanto ambos os poetas, dentro da escola a que se filiaram, são nomes que envolvem tradições de inspiração e técnica literária, com glórias consolidadas em livros impercetíveis na história do simbolismo brasileiro.

Da Costa e Silva publicou em livro, antes de Maranhão Sobrinho, o seu soneto. Os "Panéis Velhos", surgiram logo depois, editados em São Luiz. Tomando-se como ponto de cotejo a data da publicação em livros, conclui-se que foi Da Costa e Silva o pioneiro.

Era aquilo de datas, apesar de ser matéria deca, não resolve completamente o problema. Há, ainda, outro argumento capaz de suscitá-lo, em questão aparentemente tão nueridiana, a zoeira de uma controvérsia. Sabese que a obra de Maranhão Sobrinho, composta de três livros, foi reunida por iniciativa de amigos que se prestaram a recolher-lhe nas velhas coleções de jornais. Entre esses amigos entrou o sr. João Crisóstomo de Souza, então gausano, e que, agora consultado por nós sobre o primeiro domo da ideia que se desdobrou naqueles dois belos sonetos, nos assegurou que, muito antes de Da Costa e Silva, Maranhão Sobrinho publicara o seu trabalho no velho jornal maranhense "A Pacotilha", de cuja coleção, existente na Biblioteca Pública de São Luiz, foi buscado para reunir a coleção dos "Panéis Velhos".

Esse argumento, lançado na discussão de um caso que já parecia resolvido, atela o nome de um novo debate. E enquanto ele não se resolve, com a fixação definitiva da data de publicação de um e de outro, vamos indicar aqui outra fonte de influências do soneto de Da Costa e Silva.

E no eu o de ser evidenciado que Maranhão Sobrinho seguia as pegadas do poeta piauiense, pode-se afirmar, com documento, que Da Costa e Silva também recolheu em obra sua, em algumas das rimas e algumas das linhas da poesia que lhe deu celebrede.

E' em Antônio Nobre que vamos encontrar a fonte de inspiração do poeta piauiense, naquelas versões sobre a "Luz Cheia", que fazem parte do "Sô".

"Ao longe, os rios de águas prateadas  
Por entre os verdes canaviais, caguios,  
São como estradas líquidas, e as estradas  
Ao final, parecem verdadíssimos rios!

"Os choupos nus, tremendo, arriguidinhos,  
O chão pedem a quem vai passando...  
E nos seus bicos nupciais, os ninhos,  
As lavandaceas nolvam plando, plando!"

Confrontando-se esses versos com a segunda quadra e o primeiro terço do soneto de Da Costa e Silva, evidencia-se que a poesia de Antônio Nobre influenciou poderosamente o poeta brasileiro, emprestando-lhe tema e ritmo que enriqueceram.

Mas é bom lembrar que Da Costa e Silva não anda em má companhia. São infinitos os exemplos ilustres iguais no seu. Humberto de Campos chegou a anunciar um livro onde velariam quais são os verdadeiros donos dos nossos versos. Esse trabalho de literatura comparada, que nos revelaria outro aspecto da cultura de Humberto de Campos, não ficou concluído — e apenas se conhece um ou outro fragmento, que foi publicado em etérea colaboração de jornal.

Da Costa e Silva tem a companhia de um Gonçalves Dias, de um Castro Alves, de um Vicente de Carvalho e até mesmo de um Olavo Bilac. De um Bilac que tinha muitos encantos e que, com o mais apaixonado culto da forma, passava dias e dias em membro com a sua arte, no trabalho flaubertiano de captar a precisão verbal de um adjetivo e a melhor sonoridade de uma rima. Um exemplo bem típico e o que vamos apontar — é o recolhido nos sonetos de "A Tarde", que são, certamente, os mais bem trabalhados na poética bilaciana.

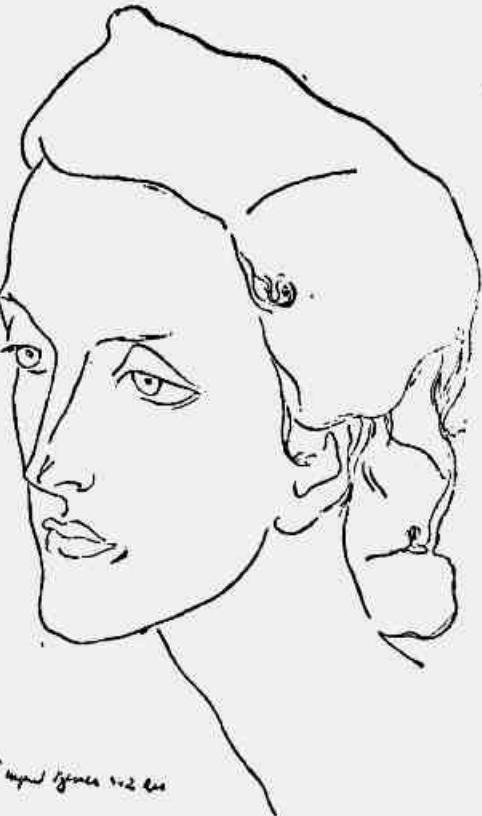
No soneto "Assombrado", há uma definição de saudade que vale como um dos mais belos "conceitos" da literatura brasileira: "A saudade é a presença dos ausentes". O verso famoso está na primeira quadra daquela poesia:

"Conheço um coração, tapera escura,  
Casa assombrada, onde anjam penitentes  
Sombrias e ecos de amor em que perdura  
A saudade, presença dos ausentes".

Em vários passos de sua obra, quer em verso, quer em prosa, Olavo Bilac deixou bem clara a sua admiração por aquele que é, depois de Camões, conforme observa Teófilo Braga, o mais conhecido dos poetas portugueses: Bocage. Desse culto de Olavo Bilac havia de ficar algum vestígio em sua poética. Essa suposição não é difícil de ser levada para o terreno da alegoria, porque se pode com facilidade encontrar, em muitos aspectos, na obra do grande parnasiano, a presença influenciadora do poeta que foi o mais alto mestre do soneto nas letras lusitanas. Aquela definição de saudade, por exemplo, é uma das marcas de Bocage na poesia de Olavo Bilac, porque, na verdade, ela pertence, com todas as letras, aquele homem boêmio que enriqueceu como nenhum outro a lírica de seu país. Quando Elmano, ainda jovem, saiu de Portugal com destino à Índia, com escala pelo Rio de Janeiro, onde se demorou vários dias, deixou as suas despachadas em uma composição na qual Teófilo Braga encontrava uma "desconhecida simplicidade" e cujos primeiros versos são os seguintes:

"Antiga pátria minha e lar paterno,  
Penso a quem renho um culto interno,  
Lacrimoso parente,  
Que linda na ausência me estarei  
(presentes);  
Adieu! um vivo ardor de nome e fama  
A nova região me atrae e chama".

De propósito sublinhamos dois versos, para que com eles se estableça um confronto com o verso final da primeira quadra do soneto de Bilac. A filiação é evidente. O poeta de "A Tarde", que punha nos seus trabalhos uma dose de muito escrupulo literário, foi inconscientemente recolher no tesouro poético de Bocage um dos mais belos versos com que enriqueceu a poesia brasileira...



Cecília Meireles, num traço de Arpad Szenes

## CECILIA MEIRELES

Cecília Meireles nasceu no Rio de Janeiro, e aqui fez os seus estudos primários e secundários. Diplomou-se pela Escola Normal. A esse tempo, sua predileção lhe para os estudos de língua e para os de música, arte a qual se teria certamente dedicado, se a paixão pela literatura não a houvesse absorvido por completo. Ainda estava na Escola Normal, e já publicava dois livros — as "Baladas para o Rei" e o "Nunca mais e Poema dos Poemas", livros em que uma sensibilidade rica e profunda transparece. E desse tempo, também, "Criança, meu Amor", livro para a infância, que obteve duas edições.

Cecília Meireles tem exercido o jornalismo no Rio em mais de um jornal, "O Diário de Notícias" e em "A Nação" mantendo, durante anos, colaborações acerca de assuntos de literatura.

Durante o ano de 1939, colaborou, com sucesso, no "Observador Econômico e Financeiro". Apaixonada pela infância, criou, há nove anos, a primeira Biblioteca Infantil Brasileira que funcionou no Pavilhão Mourisco, e deu resultados excelentes.

Em 1938, seu livro "Viagem" mereceu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras.

Cecília Meireles regeu, em 1936, a cadeira de Literatura Luso-Brasileira da Universidade do Distrito Federal e, em 1937, a de Técnica e Crítica Literária. Visitou Portugal, em 1934, a convite da Secretaria de Propaganda, e ali realizou conferências sobre educação, arte e literatura, conferências essas que depois foram publicadas pela Universidade de Coimbra e pelo "Mundo Português". Outros cursos sobre literatura e cultura brasileira, realizou Cecília Meireles nos Estados Unidos, quando ali esteve em 1940.

Como prosadora, tem publicado muitos trabalhos, merecendo destaque a sua comovedora novela autobiográfica — "Oitenta de gato" — publicada de 1937 a 1938 na revista portuguesa "Oitenta", e cujo aparecimento se anuncia para breve.

Cecília Meireles pertence à Sociedade Politécnica do México, e no Brasil, é delegada do Instituto Internacional de Literatura Ibero-Americana.

Em 1938, seu livro "Viagem" mereceu o prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras.

### ALGUMAS FONTES SOBRE CECILIA MEIRELES

— Agrípina Gólio — Evolução da Poesia Brasileira.

— Alfredo Gomes — Prefácio de "Espectros" — Rio — 1919.

— Andrade Murilo — A Nova Literatura Brasileira — Crítica e Antologia — Edição da Livraria do Globo — Porto Alegre — 1936.

— Cassiano Ricardo — A Academia e a Poesia Moderna — São Paulo — 1939 — Um volume impresso na "Revista dos Tribunais".

— João Ribeiro — Nota sobre "Espectros" — Imparcial — 18-19-1919.

— Mario de Andrade — Cecília e a Poesia — "Estado de São Paulo" — 16-7-1939.

— Terra do Sol — Vol. III, 1921 — Págs. 320-320 — As muixerigas portuguesas de Brasil (antologia de trabalhos da poesia).

— Cecília Meireles — "Notes sobre o retrato de Correia Dias".

### BIBLIOGRAFIA DA POESIA DE CECILIA MEIRELES

— Espectros — Prefácio de Alfredo Gomes — Rio — 1919.

— Nunca mais e Poema dos Poemas, 151 páginas. Com ilustrações de Correia Dias — Editora Leite Ribeiro — Rio.

— Baladas para o Rei — Rio — 130 páginas. Desenhos de Correia Dias. Edições Lux — Rio — 1925.

— Viagem. Poesia. 1920-1937 — 1º Prêmio de Poesia da Academia Brasileira de Letras em 1938 — 198 páginas — Edições Ocidente — Editorial Império Ltda. — Lisboa — 1939.

— Vaga Mólea — 128 páginas — Com um desenho de Arpad Szenes — Pougetti — Rio — 1942.

## O POETA E A MORTE

SARA SOUSA

*Na rua vazia e às escuras  
sentia o corpo nos seus passos  
como se carregasse sozinho  
o próprio caixão funerário*

*As estrelas no céu eram flores  
que juncariam a sua cova  
E a voz do mar lhe dizia  
que a cova lá estava aberta  
as ondas o chorariam*

# STÉPHANE MALLARMÉ -- JOÃO ALPHONSUS

A conferência de Manuel Bandeira na Academia Brasileira de Letras sobre Stéphane Mallarmé, publicada em "Antero & Livros", vol. III, n.º 17, de 6-12-82, me lembra a fórmula que os primeiros leitores daquele que aprendeu a linguagem de multidimensional e diversificadas literaturas, fui o desejo de comodamente se acomodar, sólido para o que se tem publicado no país a propósito do centenário de Mallarmé. A sua entrevista com Joaquim Távora me parece interessantíssima para a definição e homenagem, quase alusivas, à "modernista"

como o chamou Reny de Gouraud, é a sua teoria poética. Mais简潔地說，就是「詩歌」。Porque， quanto a este， bastaria sólida um ponto， a tradução de *Verhaele*. Considero a *Enquête sur l'Évolution littéraire*， volume que pertenceu à sua pol. Uma verdadeiro bibliógrafo. Agora， sei que não é tão rara assim， pois é evidente que o acadêmico conferência a conhecê-la， mas retificadas indiretas à entrevista de poeta tradutor， como， por exemplo， na apreciação de atitude de Verhaele， feita por Malherbe， em contraste com a de Bertrand Ritter， Anatole France.

rei no prefieldo — o seu inquérito se desfazia de fato, ou grande parte dos juízes — “despida que se apresente, que já falava de todo o mundo, se dedicava a ocupar também de fatos e gestos dos literatos, o público, gênero de todos, as cozinhas, se dedicava por si mesmo mas querendo interessar-se de tudo, levantando-se junt deles com a autoridade que lhe dão o hábito dos prelados eclesiásticos.

Os resultados obtidos pelo repouso experimental, acentuado e repetido, não atingiram, nem o pretendiam, a um estudo geral da literatura francesa durante um período caracterizado por atividades intelectuais e morais entre os escritores. Mas também não chegaram, se é que só visavam uma apreciação, ainda que definitiva, das tendências existentes, apresentadas ou combunidas dentro de um certo nível de discussão de livros. Para isso organizava-se perguntas para cada grupo, perguntas que foram pouco respondidas. De início, a maior parte se revelava incapaz para as abstração, para o desenvolvimento de um simples linguagem das ideias. Foi, contrário, um esforço de combate sem quartel em que se batiam não somente nas armas, mas até nos arquinhos das salas, "por amor desinteressado dos solos".

Este ponto de vista tornaria de momento inadmissível no Brasil, quando em torno da literatura de Gracie Aranha, algumas pessoas questionavam relativamente para si a gênese de temas trazidos de lá, se bases do movimento. Sim! Mas Reny de Goumené, com toda a sua amizade, que podia ao futuro, diz por exemplo isso à página 112: "Après Baudelaire, Mallarmé. C'est un malheur presque absolu, mais si bienveillant, pour ce poète universel..." Alguns ainda se suavizam d'um charme et d'un profondeur rares", que Rio Valente, a par dos versos, "preservava valioso círculo de admiradores absolutos". E ainda, p. 136, sobre os circunstâncias materiais da vida dos poetas incomprendíveis, que também não variaram muito: "Ah! je crois tout de même que si la critique vient aux malins d'hommes, n'ayez pas peur, messieurs français, d'être écrasés, aussi francs, d'écraser.

O Jornalista se confessa descontentado e temeu que hereditaria na posse de quem sentiu e vivido tudo o visto.

Além mais, os líderes pareciam prever que, impreterivelmente, usariam armas de combate, segundas ou terceiras, e que essa estratégia utilitaria para proteger a sua gente ou evitá-las as violências rivais. Na continuação da lista, as regras se diversificavam e surpreendiam de acordo no mesmo campo, se vez por vez se atraçavam muito do propósito. Sistemas propostos em torno de alguns nomes, abusos também propostos a alguns nomes em detrimento de outros, referencias a sucessos de ambição de dinastias. Como se vê o mundo não mudou muito, de 1551 até os inícios deste século, o seculo das grandes guerras. Peço menor, se tiverem literatura.

Organizando o seu programa, o repórter o fez com modicidade e leve culpa do combate sem quartel: incluiu ali a reportagem pelas ruas e pelas novidades que traziam os novos "dossiêes dos Valores consumidores". As entusiastas publicidades provocaram reações. As entidades, as cunhadas, as fraternas, as mil 15 reveladas dia a dia, condiziam a suas confusões em que poucas realidades se entendiam... E se compreendia porque o repórter diz que a sua reportagem alcançara "um sucesso sem precedentes", entre os públicos atentos.

Jules Haret, un professeur, classé comme un intervieweur, ne réalise pas une de ces idées normandes : « Je ne toucherai pas à... »

órios nomes, que o futtono tritava, segundo as suas tendências combativas, em benignos e benevolentes, ávidos e agridos, hostis, vagos e frígeos, brôneiros e abigadados, teoristas, Stéphane Mallarmé está entre os últimos. Num estranheza, o autor anota que esse poeta, "cuja alta personnalidade se revê apesar todas as tentações à noite, a amargas paixões escondidas, reuniu, entretanto, mais referências do que Victor Hugo, a mais popular das sécias da Fratiga moderna". E, em: "des 44 clângios do poeta nacional, dez foram de M. Auguste Vaqueiro, seu executor testamentário".

testamentário".  
Poxando por milha vez, sim-  
ples estatísticas, que tal  
percentagem é referência al-  
lusiva, vinte e três leis e, em  
que perto, chegam nitida-  
mente favorecer. Observa-se  
que a entrevista do poeta foi a  
decisão da série; não que, cor-  
respondendo à dimensão de sua  
vida, não abarcava nem flora e  
fauna restritos a quem quer que  
fosse.

Jorge Barreto, com uma certa  
timidez do mundo, silencia des-  
ta sua sorte de episódio literário.  
Concreto que se levantou a serio-  
zamente deve ser deixado na im-  
possibilidade do encarceramento e  
do seu nobreum sense of human-  
ity, mostrou, não pregiando,  
uma organização literária com pou-  
co mais uma deformação litera-  
rística, ou uma coisa hipócrita ou  
útil.

Jean Morhan, citado pelo poeta como "um delicioso canto", diz à página 82, de Mallaré: «'E' um nobre poeta». E fez o anseio elegerido por Morhan — a não ser ele próprio, a respeito de quem Huret titula "um dos apresentadores mais pitorescos do Brasil": «Dous colhos lhe interessaram no mundo: suas versões e elas, ele é seu verso».

fala dos poetas e críticos, nos quais: "vendia a ideia de não seguir para a poesia as sensações dos personagens principais do libro — apre lante tipicamente todos os sentimentoos literários dentro de um esquema poético.

## Um autógrafo de Cecília Meireles

## Cancão

Vela tu rosto, formosa,  
que eu sou um homem do mar.  
Que há-de fazer de uma rosa;  
Crem rive de navegar;  
— Si qualquer vento a desfolha,  
Qualquer sol a vêem murchar,  
— Si o deus dos mares não oña  
por quem se distrai a amar?

Pela água longe estendida,  
moro em barca sem ampar.  
Cada pele tem sua rida:  
mas, de deserto; mas, de flor.  
Vela-teu rosto, formosa,  
que eu sou um homem do mar  
Porque a teu céu me deixa  
o sal que ajuda a formar.

Celia Meirch —

# ANTOLOGIA DA LITERATURA

**PRIMEIRA SÉRIE — ANTOLOGIA DA POESIA**  
II — CECILIA MEIRELES

## MOTIVO

É tanto porque o instante existe  
e a minha vida está completa.  
Não sou alegre nem sou triste;  
sou poeta.

Irmão das coisas fugidas,  
não sinto gozo nem tormento.  
Através noites e dias  
o vento.

Se desmorono ou se edifica,  
se permanece ou me desfaco;  
— não sei, não sei. Não sei se fico  
ou passo.

Sei que canto. E a canção é tudo.  
Tem sangue eterno a sua rima.  
E um dia sei que estarei mudo;  
— mais nada.

(VIAGEM)

## MURMÚRIO

Traze-me um pouco das sombras serenas  
que as nuvens transportam por cima do dia!  
Um pouco de sombra, apenas,  
— vê nem te peço alegria.

Traze-me um pouco da alvura dos luares  
que à noite sustenta no seu coração!  
A alvura, apenas, das areias:  
— vê que nem te peço ilusão.

Traze-me um pouco da tua lembrança.  
Aroma perdido, saudade da flor!  
— Vê que nem te digo — esperanças!  
— Vê que nem sequer sonho — amor!

(VIAGEM)

## ONDA

Quem falou de primavera,  
sem ter visto o teu sorriso,  
falou sem saber o que era.

Pus o meu lábio indeciso  
na concha verde e espumosa  
modelada ao vento liso:

Tinha frescura de rosa,  
aroma de viagem clara  
e um som de prata gloriosa.

Mas desfaz-se em coisa rara:  
pérolas de sal tão finas  
— nem a areia as igualava!

Tenho no meu lábio as ruínas  
de arquiteturas de espuma  
com paredes cristalinas...

Voltei nos campos de bruma,  
onde as árvores perdidas  
não prometem sombra alguma.

As coisas acontecidas,  
mesmo longe, ficam pertas  
para sempre e em muitas vidas;

mas quem falou de deserto  
sem nunca ver os meus olhos...  
— falou, mas não estava certo.

(VIAGEM)

## PAUSA

Agora é como depois de um enterro.  
Deixa-me neste leito, do tamanho do meu corpo,  
junto a parede lisa, de onde brota um sono vazio.

A noite desmancha o pobre jogo das variedades.  
Pousa a linha do horizonte entre as minhas pessas  
(tamas),  
e mergulha silêncio na última vela da esperança.

Deixa tocar esse grilo invisível  
— mercúrio tremerendo na palma da sombra —  
deixa-o tocar a sua música, suficiente  
pa tocar todo arabesco da memória...

(VIAGEM)

## PERSPECTIVA

Tua passarem-se fez por distâncias antigas,  
O silêncio das devoções pesava-lhe nua asa  
e, juntamente com ele, o volume das montanhas  
fez mar.

Tua velocidade deixa mundos e almas,  
Pois so, quando passaste, caiu sobre mim tua  
(violência)  
e desde então alguma coisa se aboliu.

Guardo uma sensação de drama sombrio, com vozes de ondas lamentando-me.  
E a multidão das estrelas avermelhadas fugindo  
levar o céu para longe de mim.

Os dias que veem são feitos de vento placido e  
dispersam a sombra das gestas sobre os cenários.  
Levam os labios cada palavra que deposita.  
Gastam o contorno da minha síntese.  
Acumulam ausência em minha vida...

Oit um pouco de neve matando, docemente, folha  
lá folha...

Mas a selva lá dentro continua, sufocada,  
nutrindo de sonho a morte.

(VIAGEM)

## QUADRAS

Na canção que vai ficando  
ja não vai ficando nada:  
é menos do que o perfume  
de uma rosa desfolhada.

Os remos batem nas águas:  
tem de ferir, para andar.  
As águas vão consentindo  
Este é o destino do mar.

Passarinho ambicioso  
fez nas nuvens o seu ninho.  
Quando as nuvens forem chuva,  
pobe de ti, passarinho.

O vento do mês de Agosto  
leva as folhas pelo chão:  
só não toca na tua rosto  
que está no meu coração.

Os ramos passam de leve  
na face da noite azul.  
E assim que os ninhos aprendem  
que a vida tem norte e sul.

A cantiga que eu cantava,  
por ser cantada morreu.  
Nunca hei de dizer o nome  
daquilo que há de ser meu.

Ao lado da minha casa  
morte o sol e nascet o vento.  
O vento me traz teu nome,  
leva o sol meu pensamento.

(VIAGEM)

## RESSURREIÇÃO

Não cantes, não cantes, porque veem de longe os  
Inaufragados,  
veem os presos, os tortos, os monges, os oradores,  
os suicídos,  
veem, as portas de novo, e o frio das pedras, das  
lascadas,  
e, numa roupa preta, aquelas duas mãos antigas.

E uma vela de móvel chama fumosa. E os livros.  
(E os escritos.)  
Não cantes. A praça cheia torna-se escura e subterrânea.  
E meu nome se escuta a si mesmo, triste e falso.

Não cantes, não. Porque era música da tua  
voz que se ouvia. Sou morta recente, ainda com  
lágrimas.  
Alguém cuspiu por distração sobre as minhas  
lipsianas.  
Por isso vi que era tão tarde.

E deixei nos meus pés ficar o sol e andarem  
moscas.  
E dos meus dentes escorrer uma lenta saliva.  
Não cantes, pois transei o meu cabelo, agora,  
e estou diante do espelho, e sei melhor que ando  
(fligida).

(VIAGEM)

## RETRATO

Eu não tinha este resto de hoje,  
assim calmo, assim triste, assim mago,  
nem estes olhos tão vazios,  
nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,  
tão paradas e frias e mortas;  
eu não tinha este coração  
que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança  
tão simples, tão certa, tão fácil:  
— Em que espelho ficou perdida  
a minha face?

(VIAGEM)

## SEREIA

Linda é a mulher e o seu canto,  
ambos guardados no luar.  
Seus olhos doces de pranto

— quem os pudera enxugar  
devagarinho com a boca,  
ai!  
com a boca, devagarinho...

Na sua voz transparente  
giran sonhos de cristal.  
Nem ar nem onda corrente  
possuem suspiro igual,  
nem os violins nem as violas,  
ai!  
nem as violas, nem os bixios...

Tudo padece a beleza,  
e, de encoberto paix,  
viria alguém, com certeza,  
para fazê-la feliz,  
contemplando-lhe alma e corpo,  
ai!  
alma e corpo contemplando-lhe...

Mas o mundo está dormindo  
em travesseiros de luar.  
A mulher do canto lindo  
ajuda o mundo a sonhar,  
com o canto que a val malanda,  
ai!  
E morrerá de cantar.

(VIAGEM)

## TENTATIVA

Andei pelo mundo no meio dos homens:  
uma compravam joias, uns compravam pão.  
Não houve mercado nem mercadoria  
que seduzisse a minha vaga mão.

Calado, Calado, me diga, Calado,  
por onde se encontra minha sedeção.

Algumas sorriam, muitas, soluçaram,  
una, porque riram, outras, porque não.  
Calado, Calado, eu, que não quis nada,  
porque ando com pena no meu coração?

Se não vou ser santa, Calado, Calado,  
os sonhos de todos por que não me dão?

Calado, Calado, perderam meus dias?  
ou gastei-os todos, só por distração?  
Não sou dos que levantam: sou coisa levada...  
E nem sei daqueles que me levaram...

Calado, me diga se devo ir-me embora,  
para que outro mundo e em que embarcação?

(VIAGEM)

## TIMIDEZ

Basta-me um pequeno gesto  
feito de longe e de leva,  
para que venhas comigo  
e eu para sempre te leve...

— mas só esse eu não farei.

Uma palavra caída  
das montanhas dos instantes  
desmancha todos os mares  
e une as terras mais distantes...

— palavras que não durei.

Para que tu me adivinhes,  
entre os ventos taciturnos,  
apago meus pensamentos,  
ponho vestidos noturnos,

— que amargamente inventei.

E, enquanto não me descobres,  
os mundos vão navegando  
nos ares certos do tempo,  
até não se sabe quando...

— e um dia me acabarei.

(VIAGEM)

## VALSA

Faz tanto luar que eu pensei nos teus olhos antigas  
e nas tuas antigas palavras.  
O vento trouxe de longe tantos lugares em que  
festejemos  
que tornel a viver contigo enquanto o vento  
(passava).

Houve uma noite que cintilou sobre o teu rosto  
e modelou tua voz entre as algas.  
Eu moro, desde então, nas pedras frias que o céu  
e estudo apenas o ar e as águas.

Coltado de quem pôs sua esperança  
nas praias foras do mundo...

— Os ares fogem, viram-se as águas,  
mesmo as pedras, com o tempo, mudam

(VIAGEM)

# BRASILEIRA CONTEMPORANEA

## GUITARRA

Punhal de prata já crus,  
punhal de prata!  
Nem feste tu que fizeste  
a minha mão insensata.

Vi-te brilhar entre as pedras,  
panamí de prata,  
— no cabo, flores abertas,  
no gume, a medida exata.

a exata, a medida certa,  
punhal de prata,  
para atravessar-me o peito  
com uma lata e uma daga.

A maior pena que eu tenho,  
punhal de prata,  
não é de me ver morrendo,  
mas de saber quem me mata.

(VIAGEM)

## DISCURSO

E aqui estou, cantando.

Um poeta é sempre irmão do vento e da Água:  
deixa seu ritmo por onde passa.

Venho de longe e vou para longe:  
mas procurei pelo chão os sinais do meu caminho  
e não vi nada, porque as ervas cresceram e as  
lserpentes andaram.

Também procurei no céu a indicação de uma tra-  
jetória,  
mas houve sempre muitas nuvens.  
E escondiam-se os operários de Babel.

Posi aqui estou, cantando.

Se eu nem sei onde estou,  
como posso esperar que algum ouvido me escute?

Ahi! se eu nem sei quem sou,  
como posso esperar que venha alguém gostar de  
mim?

(VIAGEM)

## DIALOGO

Minhas palavras são a metade de um diálogo  
obscuro  
continuando através de séculos impassíveis.

Agora comprehendo o sentido e a ressonância  
que também trazes de tão longe em tua voz.

Nossas perguntas e respostas se reconhecem  
como os olhos dentro dos espelhos. Olhos que  
fecharam.

Conversamos dos dois extremos da noite,  
como de paisas opostas. Mas com uma voz que não  
se importa...

E um mar de estrelas se balança entre o meu  
pensamento e o teu.  
Mas um mar sem viagens.

(VIAGEM)

## DESTINO

Pastora de nuvens, fui posta a serviço  
por uma campina tão desamparada  
que não principia nem também termina,  
e onde nunca é noite e nunca é madrugada.

(Pastores da terra, vós tendes sossego,  
que olhais para o sol e encontrais direção.  
Sabeis quando é tarde, sabeis quando é cedo.  
Eu, não.)

Pastora de nuvens, por muito que espere,  
não há quem me explique meu vario rebanho.  
Perdida atrás dele na planície aérea,  
não sei se o conduzo, não sei se o acompanho.

(Pastores da terra, que saltais abismos,  
nunca entendereis a minha condição.  
Pensais que há firmezas, pensais que há limites,  
Eu, não.)

Pastora de nuvens, cada lux color  
meu canto é meu gado de tintas diversas.  
Por todos os lados o vento revolve  
os veios instáveis das rezes diásparas.

(Pastores da terra, de certeiros olhos,  
como é tão serena a vossa ocupação!  
Tendes sempre o indicio da sombra que foge...  
Eu, não.)

Pastora de nuvens, não paro nem durmo  
nesto movel prado, sem noite e sem dia.  
E trevas e luas que jorraram, desumbram  
o gado inconstante que se me extravia.

(Pastores da terra, que debaixo das folhas  
que encorram frescura num plácido chão  
sabotis onde pouzam ternuras e sonhos.  
Eu, não.)

Pastora de nuvens, esqueceu-me o rosto  
do sono das rezes, do sono do prado.  
E à vez parece que diadem meu nome,  
que me andam seguindo, não sei por que lado.

(Pastores da terra, que vedes pessoas  
sem elas apenas de imaginação,  
podeis incontrar-vos, fazer tanta coisa!  
Eu, não.)

Pastora de nuvens, com a face deserta,  
sigui atrás de fadas com felitos falsos,  
quemando vigílias na planície etc na  
que gira dobrado aos meus pés descalços.

(Pastores da terra, tereis um salário,  
e auferir por boles vosso coração.  
Dormireis um dia como pedras suaves.  
Eu, não.)

(VIAGEM)

## A ÚLTIMA CANTIGA

Num dia que não se adivinha,  
meus olhos assim estarão:  
e há de dizer-se: "Erá a expressão  
que ela ultimamente tinha".

Sem que se move a minha mão  
nem se incline a minha cabeça  
nem a minha boca estremeça,  
— toda será recordação.

Meus pensamentos sem tristeza  
de novo se debruçarão  
entre o acabado coração  
e o horizonte da língua pressa.

Tu, que foste a minha paixão,  
virás a mim, pelo meu gosto,  
e de muito além do meu rosto  
meus olhos te percorrerão.

Nem por distante ou distraído  
escaparás à invocação  
que, de amor e de mansidão,  
te eleva o meu sonho perdido.

Mas não verás tu existência  
nesse mundo sem sol nem chão,  
por onde se derramarão  
os mares da minha incerteza.

Ainda que sendo tarde e em vão,  
perguntarei por que motivo  
tudo quanto eu quis de mais vivo  
tinha por cima escrito: "Não".

■ ondas seguidas de saudade,  
sempre na tua direção,  
caminharão, caminharão,  
sem nenhuma finalidade.

(VIAGEM)

## ANUNCIAÇÃO

Toca essa música de seda, fruixa e trêmula,  
que apenas embala a noite e balança as estrelas  
Inoutro mar.

Do fundo da escuridão nascem vagas de ouro,  
com as mãos de esquecidos corpos quase desman-  
chados no vento.

E o vento bate nas cordas, e estremecem as velas  
Iopacea,  
e a água derrete um brilho fino, que em si mesmo  
Iogo se perde.

Toca essa música de seda, entre areias e nuvens  
Ie espuma.

Os remos pararão no meio da onda, entre os peixes  
Iuspenses  
e as cordas partidas andarão pelos ares dansando  
Itatos.

Cessará essa música de sombra, que apenas indica  
Ivalores de ar.  
Não haverá mais nossa vida, talvez não haja nenhuma  
Iópo  
foi só que fomos

E a memória de tudo desmanchará suas dunas  
Idesertas,  
e em navios novos homens eternos navegarão.

(VIAGEM)

## ACEITAÇÃO

E' mais fácil pousar o ouvido nas nuvens  
e sentir passar as estrelas  
do que prendê-lo à terra e alcançar o rumor dos  
Iteus passos.

E' mais fácil, também, debruçar os olhos no oceano  
e assistir, lá no fundo, ao nascimento mudo das  
Iiformas,  
que desejar que apareças, criando com teu simples  
Iigesto  
e sinal de uma eterna esperança.

Não me interessam malas nem as estrelas, nem as  
lformas do mar  
nem tu.

Desenvolvi de dentro do tempo a minha canção:  
não tenho inveja às cigarras: também vou morrer  
ide cantar.

(VIAGEM)

## EPIGRAMA N. 3

Mutilados jardins e primaveras abolidas  
abriram seus miraculosos ramos  
no cristal em que pouso a minha mão.

(Prodigioso perfume!)

Recompuseram-se tempos, formas, cores, vidas...  
Ah! mundo vegetal, nós, humanos, choramos  
só da incerteza da resurreição.

(VIAGEM)

## EPIGRAMA N. 7

A tua raça de aventura  
quis ter a terra, o céu ou mar.

Na minha, há uma delícia obscura  
em não querer, em não ganhar...

A tua raça quer partir,  
guerrear, sofrer, vencer, voltar.

A minha, não quer ir nem vir.  
A minha raça quer passar.

(VIAGEM)

## EPIGRAMA N. 13

Passaram os reis coroados de ouro,  
e os heróis coroados de louro:  
Passaram por estes caminhos.

Depois, vieram os santos e os bárbaros,  
Os santos, cobertos de espinhos.  
Os poetas, cingidos de cardos.

(VIAGEM)

## EPITÁFIO DA NAVEGADORA

A GASTON FIGUEIRA

Se te perguntarem quem era  
essa que às areias e gelos  
quis ensinar a primavera;

e que perdeu seus olhos pelos  
mares sem deuses desta vida,  
sabendo que, de assim perdê-los,

ficaria também perdida;  
e que em águas e espumas pressa  
deixou sua alma agradecida;

essa que sofreu de beleza  
e nunca desejo mais nada;  
que nunca teve uma surpresa

em sua face iluminada,  
dize: "Eu não pude conhecê-la,  
sua história está mal contada,

mas seu nome, de barca e estrela,  
foi: "SERENA DESESPERADA".

(VAGA MUSICA)

## CANÇAO DA MENINA ANTIGA

A DIOGO DE MACEDO

Esta é a dos cabelos louros  
e da roupinha encarnada:  
que eu via alimentar pombos,  
sentadinhos numa escada.

Seus cabelos foram negros,  
seus vestidos de outras cores,  
e alimentou, noutros tempos,  
a corvão devoradores.

Seu crânio estará vazio,  
seus ossos sem vestimenta,  
— e a terra haverá sabido  
o que ela ainda alimenta.

Talvez Deus veja em seus sonhos  
— ou talvez não veja nada —  
que essa é a dos cabelos louros  
e da roupinha encarnada.

que do alto degrau do dia  
às covas da noite, excusa,  
desperdiçou sua vida  
pelas outras criaturas...

(VAGA MUSICA)

# ALBUM DE GUIGNARD



N.º 15 — AS PRATELEIRAS — VISTA DO PLANALTO DAS AGULHAS NEGRAS

## A atitude poética do misticismo — Mucio Leão

Um dos traços que tiveram em comum os escritores daquele grupo é o mesmo percurso. Escrivendo, no entanto, na Jejada da poesia de Verlaine, que, em sua juventude e mocidade, Archange, se dedicava ao amor da Virgem Maria, d'Alpina que estava das portas para os tristes amores da Terra — os passos simbolistas também volveram os olhos para as alturas, e se multiplicaram em homens a Jesus e a Nossa Senhora. Alguns delas alcançaram, nessa corrente de sensibilidade inspiradora, notórios um elevado nível lírico incomparável. E está nesse caso Alcântara de Guimaraens, o autor do "Setentário das Dornas da Nossa Senhora", o autor de "Kirito", o autor da "Escada de Jaro" — quer dizer, o autor de alguns dos livros que maior supro de poesia religiosa conhecem. Nelas, as lutas de Nossa Senhora e de Jesus estão narradas de uma luta realmente celestial. Cercando-as partilham que na terra jamais foram contados. E se de fato existe o Ceu e se de fato no Céu vivem Jesus e a Virgem Maria, é certo que o Poeta brasileiro está, a estas horas, pertinho dos dois sentados numa das poltronas azuis, gozando a companhia dos Anjos.

Outros dos nossos simbolistas, entretanto, só realizaram uma poesia religiosa fria e falsa, que nunca passou das palavras. E construiram, assim, um mero exercício de retórica mística, alguma coisa que com certeza os condenaria a nunca penetrarem no Céu...

Tive ocasião de retomar alguns livros de Carlos Dias Fernandes, o poeta paribano, há pouco falecido, e foi a leitura de algumas das suas poesias que me fez chegar à modulação que

Carlos Dias Fernandes foi, em sua mocidade, um alegre anti-Cristo, avassalando as gentes de um mundo taciturno e pacífico. José Lins do Rego enhou-lhe o que foi o aparecimento dele na Paraíba. Foi alguma coisa de ascendência e de terremoto. Ele vinha de vastas peregrinações aventurais um pouco por todo o Brasil, pois o seu gênio inebriado acabava por não se adaptar a cosa alguma. S. Paulo, o Rio de Janeiro, o Pará, viram-no lutando, cantando, amando, escrevendo, polemizando, insultando, escandalizando os povos, reafirmando ideias que não estavam na órbita dos pensamentos da humanidade comum. Certo dia ele desabou sobre a Paraíba — a sensação que provocou sua chegada ali seria semelhante à que havia de provocar a desida de um gavião possidente num meio de pintinhos medrocos... O mesmo foi em Pernambuco, e disse possuir testemunho. Não o conheci então, e nunca tive oras de trocar com ele nenhuma palavra. Vinho, porém, várias vezes, e sempre invejei aquela ar de insolente suade que ele tinha, aquele jeito de naturalista em pique-nique permanente, aquela bela cabeça que deve ter alinçado tantas mulheres, aquele aspecto de provocação vitalícia com que ele enfrentava os todos preconceitos ambientais...

E esse mesmo ar de provocação, de desafio e de insolência que encontramos como inspiração central de tantas de suas poesias. Seu trabalho que mais impressão causou aos leitores pareceu que foi a "Canção de Vesta". E' um poema naturalista, em que se condensam idéias filosóficas, traçando a evolução dos fenômenos belíssimos. "Áqua, esposa do Sol, virgem mãe do Universo" — as-

sim começa esse novo Lucrecio seu grupo, a esse exercício de reno, nenhum ato de perda. E seu canto, da Natureza, a que em ajuda há pouco... Num dos seus hinos, "Vanitas Vanitatum", ele queria "ser humilde e perfeito como um Santo"... queria andar de rastro, nalgum eremitério, e lambuz o po do pe das leprosas... E aqui mesmo mete "Sotau", celebra Maria Santíssima em dois sonetos, chamarando-a de "Celeste Rosa" milagrosa fonte de ternura, astro bendito de piedosa chama, e pedindo para ter o último porto no seu amor virginai.

Carlos Dias Fernandes, porém, afrontava com igual veemência polícias e juizes. Minha vontade seria citar, aqui, por inteiro, certo poema espantoso dos "Sotau" — um poema intitulado "O Pandemônio da Igreja", dedicado "aos Juizes Rubim e Lacerda, com eterno ódio e satisfeita vingança", poema sem dúvida revolucionário para a moral comum. Nele, o poeta chama aos juizes "raiores miseráveis, distorcidos históricos, viciados apóstatos, fruscos bocais de adulterios nefandos, neustândos de trazerem nas súias patas os Balanços da lei..." Um desferido poema em que um poeta, acusado de ter cometido um crime por amor, vem para o meio das multidões assegurar a sublimidade desse seu crime, o proclamar o seu direito e o direito de sua amada a repetir tão deliciosos

atos... Eles ai, agora, Carlos Dias Fernandes — o poeta ardenteamento humano, e, mais do que isso, terrível, o poeta que afrontava os processos, que não temia as ameaças da lei, que desafiava as polícias e os juizes — el-o agora diante do altar, rezando suas prédicas humildes, ascendendo nas volutas do incenso, querendo alingir o doce domínio dos Anjos e das Santas!

As histórias agiográficas fazem-nos de pecadores que ardentes pecaram, e que se tornaram puríssimos, audivisímos santos. Mas esses dois aspectos — o do pecado e o da santidade — em nenhum deles, creio eu, nunca se registraram num momento idêntico. O pecador primeiramente deixa o pecado; e só depois ascede, purifica-se, torna-se místico, atinge a claridade da angelitude. A própria Maria Egipciaca, tão famosa porque se entregou a um barroquismo — quando a ele se entregou não cometeu nenhum ato humano, nem um ato ter-

• • •

TEORIA DO BELO  
Tristão da Cunha

Afirmar que a ideia de beleza se prende a de beleza, ou que essa ideia escapa, é presunção uma definição do belo. E este ancião misto mal definido. De um lado, se temos em mente as formas consagradas é evidente que a arte ora implica a beleza, ora não. A "Venus de Milo", a "Dona" de Ticiano são imagens de beleza. A "Lídia de anatomia", certas naturezas mortas de Chardin, não se seriam. Mas nem por isso deixam estas obras de pertencer à grande arte, e anijuntar que, como tais, possuem uma beleza própria.

A arte é a criação — a criação ou a evocação das formas fugaces da vida. É uma imortalidade. Eis porque sempre me parece razoável atribuir o instinto artístico ao mesmo exercício de vida, a esse derramamento de energia que nos leva a brincar, a dançar, a amar, e que se procura, realizar em outras formas de vida. A arte é o amor só gêmeo.

(Cíclios do Tempo).